

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

CURSO DE MUSEOLOGIA

PRISCILA CHAGAS OLIVEIRA

UMA ESQUINA DE TESTEMUNHOS, UM PROJETO DE MEMÓRIAS:

a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente

Porto Alegre

2013

PRISCILA CHAGAS OLIVEIRA

UMA ESQUINA DE TESTEMUNHOS, UM PROJETO DE MEMÓRIAS:
a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Faculdade Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Profa. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria

Co-orientação: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto
Vice Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice Diretor: André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Chefe-Substituto: Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Lizete Dias de Oliveira
Coordenadora-Substituta: Zita Rosane Possamai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O49e Oliveira, Priscila Chagas

Uma esquina de testemunhos, um projeto de memórias: a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente. / Priscila Chagas Oliveira, 2013.
f.:78 ll.

Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Co-Orientadora: Jeniffer Alves Cuty

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2013

1. Musealização. 2. Patrimônio Cultural 3. Acervo Digital 4. Bar Ocidente - Porto Alegre I. Título II. Ana Carolina Gelmini de Faria

CDU: 351.711.1

Rosângela Broch Veiga – CRB – 10/1734

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, n.2705 - Bairro Santana
CEP 90035-007 - Porto Alegre - RS
Fone: (51) 3308-5067
Fax: (51) 3308-5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

PRISCILA CHAGAS OLIVEIRA

UMA ESQUINA DE TESTEMUNHOS, UM PROJETO DE MEMÓRIAS:

a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente

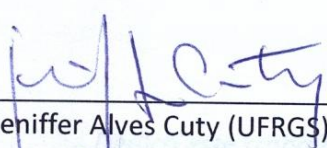
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Faculdade Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 09 de Dezembro de 2013.

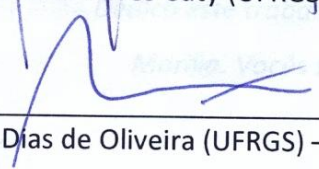
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS) – orientação



Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty (UFRGS) – co-orientação



Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira (UFRGS) – examinadora interna



Me. Cláudia Porcellis Aristimunha (UFRGS) – examinadora externa

Porto Alegre

2013

*Dedico este trabalho ao meu pai Ademar e minha mãe
Marilia. Vocês são meu suporte, os maiores amores
da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição no qual sempre quis estudar, que me acolheu e me proporcionando experiências que jamais esquecerei.

À Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, aos meus professores e colegas pelas oportunidades e aprendizados.

Ao Programa de Bolsas Santander Luso-Brasileiras e a todos os meus colegas que me auxiliaram na realização de meu sonho e possibilitaram a concretização de meu intercâmbio a Portugal. Aos professores da Universidade Nova de Lisboa por todo conhecimento e experiência proporcionados.

As produtoras Alecrim e Mobe pela oportunidade que me foi dada de auxiliar na construção do Acervo Digital Bar Ocidente e pela disposição de todos no processo de construção de minha pesquisa.

Ao Ricardo da Silva e ao Marco Fronchetti pela incrível conversa e compartilhamento de suas memórias;

À minha co-orientadora Jeniffer Cuty que me acompanhou desde o início de minha graduação, que me incentivou à carreira acadêmica, me proporcionou diversas oportunidades, mas que acima de tudo, foi uma grande amiga.

À minha orientadora Carol Gelmini que com toda sua organização, conhecimento e paixão pela Museologia, me fez querer saber mais e me mostrou em si uma imagem que quero ter como exemplo.

Aos meus ex-colegas do setor de Arqueologia do IPHAN-RS que foram amigos, companheiros e incentivadores em tudo.

Aos meus grandes amigos Dani, Pati, Greice, Pauline, Lari, Ana, Luz, Sami e Chiapetti pelos momentos maravilhosos e por todo o carinho e compreensão quanto a minha ausência.

À minha família por estar sempre ao meu lado e me fazer quem sou.

Ao meu noivo Rafael que me acompanhou em tantas crises e que acreditou que eu conseguiria.

De que modo o confronto entre memória e esquecimento na constituição dos patrimônios virtuais pode gerar uma tensão positiva para o fortalecimento dos laços sociais, para a valorização das diferenças culturais, e para o surgimento de um novo tipo de memória social ainda mais dinâmica do que aquela emergida dos polos da oralidade e da escrita?

Vera Dodebei, 2006.

RESUMO

O Bar Ocidente está localizado na Rua João Telles, esquina com a Avenida Osvaldo Aranha, no centro do Bairro Bom Fim em Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Inaugurado em 3 de dezembro de 1980, 5 anos antes do fim da Ditadura Militar no Brasil, o Bar transformou-se rapidamente de um local marginalizado e “agitador” para o principal ponto alternativo de Porto Alegre, considerado Patrimônio Cultural da Cidade. Dessa forma, levando em consideração a importância cultural do Bar Ocidente e a participação da autora nos projetos “Bar Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre” e “Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente,” este trabalho buscou compreender como se deu o processo de musealização para a constituição do Acervo Digital Bar Ocidente levando em consideração a identidade cultural dos grupos urbanos frequentadores do Bar. Como objetivos, procurou-se identificar os sujeitos envolvidos nos Projetos e os critérios de seleção, incorporação e comunicação adotados, buscando também discutir como são representados os grupos frequentadores do Bar através das práticas de musealização empregadas. Por último discuti-se a representatividade do patrimônio digital recém-lançado na web como potencial comunicacional na área da Museologia. Este trabalho fez uso de uma metodologia de cunho qualitativo e como técnica de coleta de dados foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturada e não diretiva, além da análise documental de todo material gerado e/ou consultado pelos Projetos. Conclui que a criação do Acervo Digital Bar Ocidente foi resultado de uma primeira experiência dos envolvidos, mas sua existência tornou acessível um acervo antes disponível apenas ao dono do Bar. Também conclui que novas práticas são necessárias no que diz respeito à preservação do patrimônio digital no campo da Museologia.

Palavras-Chave: Musealização, Patrimônio Cultural, Acervo Digital, Bar Ocidente, Porto Alegre/RS.

ABSTRACT

The Bar Ocidente is located in Rua João Telles , corner of Avenida Osvaldo Aranha, the center of the Bom Fim neighborhood in Porto Alegre (Rio Grande do Sul , Brazil) and is the brand new "Esquina Maldita", chosen by the orphans, students and revelers of the first "Esquina Maldita" classical space of contestation and culture. Inaugurated on December 3, 1980, five years before the end of the military dictatorship in Brazil, the Bar Ocidente quickly became of a place marginalized and "shaker" to the main alternative point in Porto Alegre, is considered Cultural Heritage of the city. Thus, taking into consideration the cultural importance of the Bar Ocidente and participation of the author in the projects "Bar Ocidente: Cultural Memory in Porto Alegre" and "Accessibility, Cultural Rights and the Preservation of Bar Ocidente Collection" this paper aimed to understand the process of musealization of the testimonies collected at Bar Ocidente which culminated in the creation of the "Digital Archive Bar Ocidente", taking into consideration the cultural identity of Bar Ocidente's urban groups. Objectives, sought to identify the subjects involved in the Projects and the criteria for selection, annexation and communication adopted, seeking also discuss how the groups are represented by the practices of musealization employed. Finally this paper intend discuss the representativeness of the digital heritage newly situated in web, and believe that this type of communication as a potential area to Museums Studies. This paper made use of a qualitative methodology and as a technique for data collection, interviews were conducted semistructured type and open ended, and document analysis of all material generated and / or consulted by the Project. Concludes that the creation of the "Digital Archive Bar Ocidente" was the result of a first experience of those involved, but its existence has enabled the dissemination of a collection previously available only to the owner of the Bar. Also concludes that new practices are needed with regard to the preservation of digital heritage in the field of Museums Studies.

KeyWords: Musealization, Cultural Heritage, Digital Archive, Bar Ocidente, Porto Alegre/RS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa do Bairro Bom Fim em Porto Alegre com destaque para a Primeira Esquina Maldita (em vermelho); Segunda Esquina Maldita (em azul) e para o Bar Ocidente (ponto A).....	20
Figura 2 -	Inventário com destaque para a categoria: Visual.....	32
Figura 3 -	Inventário com destaque para a subcategoria de acervo: Cartazes.....	32
Figura 4 -	Recorte do Inventário com destaque para a categoria: Periódicos.....	33
Figura 5 -	Recorte do Inventário com destaque para a categoria de acervo: Documentos.....	33
Figura 6 -	Site do Acervo Digital Bar Ocidente com destaque em vermelho para sua identidade visual.....	51
Figura 7 -	Botões (ícones) de pesquisa.....	52
Figura 8 -	Fotografia [Caetano Veloso no Bar Ocidente] disponível no site do Acervo Digital Bar Ocidente.....	53
Figura 9 -	Fotografia [Caetano Veloso no Bar Ocidente] catalogada no Inventário.....	53
Figura 10 -	Cartaz de Show dos Replicantes sem data disponível. n. Inventário 00216.....	54
Figura 11 -	Página do Acervo Digital Bar Ocidente no <i>Facebook</i>	56
Figura 12 -	Recorte da página do Acervo Digital Bar Ocidente no <i>Facebook</i> – Destaque para os comentários e compartilhamentos.....	57
Figura 13 -	Recorte da página do Acervo Digital Bar Ocidente no <i>Facebook</i> – Destaque para o número elevado de curtidas e compartilhamentos.....	58

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Fotografia da esquina onde se encontra o Bar Ocidente. Vista da Av. Osvaldo Aranha.	17
Imagem 2 -	Cartaz do projeto Ocidente Acústico. n. inventário 00691.....	22
Imagem 3 -	Fotografia intitulada “Sarau Elétrico com canja de Frank Jorge2” – Destaque para os mediadores Luís Augusto Fisher e Kátia Suman. n. inventário 00844.....	23
Imagem 4 -	Fotografia de batida policial em um fusca na Av. Osvaldo Aranha em frente ao Ocidente - década de 1980. n. inventário 00911.....	40
Imagem 5 -	[Encaminhamento de abaixo-assinado] do Movimento Bom Fim-Pequim. n. inventário 01050.....	41
Imagens 6, 7 e 8 -	Respectivamente cartazes festa Blow up (n. inventário 00058) e Corpus Twist (n. inventário 00260) e Fotografia de um espetáculo teatral (n. inventário 00873).....	42
Imagem 9 -	Show de banda no Ocidente - Autor: Dulce Helfer (n. inventário 00863).....	43
Imagem 10 -	Primeiro dia do almoço - abril de 1981] (n. inventário 00916).....	44
Imagem 11 -	Fotografia tirada no aniversário de 30 anos do Bar.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O BAR OCIDENTE E A PRESERVAÇÃO DO SEU PATRIMÔNIO CULTURAL: o processo de musealização e a interação dos seus <i>habitués</i>	17
2.1	Bar Ocidente: a esquina das tribos.....	19
2.2	A prática da Museologia: a gestão do acervo do Bar Ocidente	24
2.3	Um ser Ocidente	37
3	ACERVO DIGITAL BAR OCIDENTE: a socialização do patrimônio cultural e da memória coletiva no ciberespaço	47
3.1	A Construção do Acervo Digital Bar Ocidente.....	49
3.2	Curtindo, Compartilhando e Interagindo (n)o Bar Ocidente na <i>web</i>	55
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	APÊNDICE A - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA Sujeitos 1 - Idealizadores 	66
	APÊNDICE B - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA Sujeitos 2- Habitués 	67
	APÊNDICE C - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA Sujeitos 3 – Equipe Técnica 	68
	ANEXO A – MANUAL DE PREENCHIMENTO DO INVENTÁRIO	69
	ANEXO B - FLUXOGRAMA.....	77

1 INTRODUÇÃO

Visualize um bar em pleno bairro Bom Fim, uma esquina, um casarão antigo, onde os sons alternativos ganham voz; sinta a liberdade de escolha e de possibilidades de um espaço de “bebedeira”, de criação artística, de música e de libertação sexual. Essa é a essência do Bar Ocidente, formador de uma cultura de contestação e frequentado por diversas tribos urbanas, que criaram suas formas de socialização ante a realidade social do país.

O Bar Ocidente é um bar que está localizado na Rua João Telles, esquina com a Avenida Osvaldo Aranha no centro do Bairro Bom Fim na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Ele foi inaugurado em 3 de dezembro de 1980, momento relevante e de grande carga emocional e simbólica por se tratar de cinco anos antes do fim da ditadura militar no Brasil¹.

Esse espaço transformou-se rapidamente de um local marginalizado e “agitador” para o principal ponto alternativo da cidade, representando e sendo representado pelos estilos de vida de seus frequentadores. Assim, desde a sua criação, vem se constituindo em lugar de encontro, debate e diversão de sujeitos que, em diversos momentos, foram fundamentais nos movimentos de mudança de pensamento e abertura cultural.

Por sua trajetória, o Bar perdurou ecoando sua história e hoje, sendo considerado Patrimônio Cultural da cidade², permanece como local de socialização de grupos urbanos: intelectuais, artistas, universitários, músicos, entre outros transgressores, libertários ou apenas pessoas que vivenciam juntos e na sua diversidade um ser “ocidente”.

Levando em consideração esse contexto, em 2011 a Produtora Alecrim Produções Culturais e Cinematográficas³ criou um projeto intitulado “Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre”, que objetivava dar acesso aos testemunhos materiais do Bar (reunidos pelo seu proprietário, Fiapo Barth) enquanto patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre. O Projeto já previa o meio *online* para dar acesso a esse acervo, através do que viria a se

¹ A Ditadura Militar no Brasil ocorreu entre 1964 e 1985.

² Conforme notificação do Diário Oficial de Porto Alegre, de 07/05/2012: “O Secretário Municipal da Cultura, dando atendimento aos artigos 7º da Lei Complementar 601 de 23 de outubro de 2008, NOTIFICA os proprietários e possuidores do imóvel à Avenida Osvaldo Aranha número 960/966 esquina Rua General João Telles - “Bar Ocidente” - sobre a INCLUSÃO NO INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BENS IMÓVEIS, conforme parecer do COMPAHC nº 02/12 de 16/01/2012 e homologação do Senhor Prefeito de 18/01/2012.” PORTO ALEGRE, Notificação do Diário Oficial, Ano XVII, Edição 4254, 7 mai. 2012. p. 14.

³ Ver mais: <http://www.alecrimproducoes.com.br>.

chamar Acervo Digital Bar Ocidente. Mas como trabalhar com essa variedade de materiais, higienizá-los, organizá-los e documentá-los a fim de exibi-los em um espaço virtual?

A partir desses questionamentos a produtora procurou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para suprir certas necessidades ditas acadêmicas, e foi com essa preocupação que o projeto de extensão “Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente,” foi criado. Com a coordenação da professora Jeniffer Cuty da UFRGS, o referido projeto procurou pensar a organização e disponibilização desse material através das práticas e teorias vindas das experiências de uma equipe interdisciplinar (Biblioteconomia, Museologia, Comunicação, Produção Cultural, entre outros), refletindo também que sua existência tornaria acessível um material de grande relevância histórica e cultural, e, assim, acabei iniciando minha trajetória nessa pesquisa.

Entrei logo de início no projeto, em novembro de 2011, e nesse primeiro momento visitamos o Bar, conversamos com sujeitos responsáveis por colecionar o que naquele momento era identificado como um “amontoado de fotos e documentos antigos”, e também com os responsáveis por este projeto dentro da produtora. Reconhecemos caixas e pastas de materiais: fotografias, revistas, recortes de jornais, objetos diversos que em meio a falas e memórias de Fiapo Barth e Cikuta (funcionária do Bar) identificamos ali um acervo de imenso potencial. A cada visita ao acervo dúvidas iam crescendo e a equipe ia discutindo questões relacionadas à organização desse material. Minha formação me levou a pesquisar sobre documentação museológica, mas eu também tinha a necessidade de entender a trajetória do Bar Ocidente e a sua importância para a cidade de Porto Alegre. Outros na equipe efetuaram pesquisas em suas respectivas áreas, gerando nossos primeiros conflitos, desafios e trocas de conhecimento. Como iríamos começar esse trabalho? Era possível desenvolver uma metodologia de organização de materiais tão diversos? Como trabalhar com um acervo sobre o qual não dominava o tema?

Nas etapas que se seguiam consolidamos nossa visão sobre a gestão do acervo, também começamos a trabalhar com o conceito de **acervo**, até então novo para os idealizadores do projeto. A equipe foi alterada e mais estudantes de Museologia ajudaram a construir tecnicamente os instrumentos de trabalho que ajudaram a identificar os valores do acervo. O Bar Ocidente veio à luz quando eu tinha em mãos os principais momentos de sua trajetória, contada através daquele material, mas o que eu sabia era pesquisa, não experiência. A partir das conversas com os frequentadores e proprietários do Bar, das

reuniões de equipe, das nossas pesquisas sobre digitalização, acervos digitais, museus virtuais, íamos moldando aquele projeto audacioso, inovador para todos os envolvidos. Ele iniciou sem sabermos muito bem “onde ele ia dar” e finalizou com o surgimento da página do Acervo Digital Bar Ocidente.

Ao mesmo tempo em que eu finalizava minha participação neste Projeto, também iniciava a disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso (ITCC) e ali encontrei um espaço para refletir sobre minhas ações e tomadas de decisão. Sempre me questioneei sobre o meu papel como técnica de pesquisa, em como somos capazes de retirar um objeto do seu contexto original, identificando valores, através do que na Museologia chamamos de “processo de musealização”. Um *flyer* de uma festa do Bar Ocidente que acontece hoje, amanhã é lixo, mas um *flyer* que foi selecionado, colecionado, tratado, organizado e comunicado, não é mais um simples *flyer*, é um documento, testemunho representante dos grupos frequentadores do Bar Ocidente, que evoca toda a sua trajetória, seu patrimônio cultural.

Assim, todos esses questionamentos que se construíram no decorrer do projeto foram pensados a partir de um problema que, no fundo, sempre me perseguiu: como se deu o processo de musealização para a constituição do Acervo Digital Bar Ocidente levando em consideração a identidade cultural dos grupos urbanos frequentadores do Bar? Na busca por discutir esse problema, construí como objetivo geral identificar os procedimentos e práticas realizados no Acervo Digital Bar Ocidente no que cerne a sua preservação e comunicação, e como objetivos específicos:

- a) Identificar os personagens (e suas intenções) envolvidos na criação e divulgação do Acervo Digital Bar Ocidente;
- b) Identificar e analisar os critérios de seleção, incorporação e comunicação adotadas para a constituição do Acervo Digital Bar Ocidente;
- c) Discutir de que forma os grupos urbanos frequentadores do Bar Ocidente são representados através das práticas de musealização empregadas no Acervo Digital Bar Ocidente;
- d) Discutir a representatividade do Acervo Digital Bar Ocidente na web e as problemáticas que envolvem a preservação do patrimônio digital.

Assim, na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), utilizei uma metodologia de cunho qualitativo (ECKERT; ROCHA, 2008; SPRADLEY, 1979; THIOLENT, 1982).

Em um primeiro momento optei pela identificação dos sujeitos que tiveram papel essencial na construção desse acervo e, a partir das temáticas e dos personagens que o acervo evocava, busquei localizar informantes que poderiam evidenciar a identidade cultural dos grupos frequentadores do Bar Ocidente. Por fim, identifiquei três tipos de sujeitos essenciais na criação e gestão do Acervo Digital Bar Ocidente:

- a) Sujeitos 1 - Idealizadores do Bar Ocidente e do Acervo (tanto físico quanto digital);
- b) Sujeitos 2 - Frequentadores do Bar Ocidente (os chamados habitués);
- c) Sujeitos 3 - Equipe Técnica interdisciplinar do Projeto (profissionais envolvidos na organização e comunicação do acervo);

Como técnica de coleta de dados, utilizei as entrevistas do tipo semiestruturada e não diretiva, havendo também análise documental de todo material gerado e/ou consultado no e pelo projeto. Na aplicação das técnicas, para os idealizadores (APÊNDICE A) e habitués (APÊNDICE B), o roteiro de entrevistas não diretivas buscou o depoimento livre do entrevistado. Para equipe técnica do projeto foi utilizado o roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE C). Como interlocutores dentro desses grupos de sujeitos foram escolhidos:

- a) Sujeito 1 – Gibran Bisio - escolhido por ter uma ligação afetiva com o Bar, além de ser dono da empresa envolvida na criação do espaço virtual do Acervo;
- b) Sujeitos 2 – Marco Fronchetti e Ricardo da Silva - surgiram dentro do próprio acervo trabalhado, seja nas imagens, nas reportagens de jornais e revistas encontradas ou nas falas dos personagens envolvidos nos projetos;
- c) Sujeitos 3 – Gibran Bisio e Daniela do Amaral - Gibran Bisio também faz parte desse grupo, pois participou como técnico na construção do espaço virtual do Acervo Digital Bar Ocidente. Daniela do Amaral foi escolhida por ter participado das atividades de documentação do acervo, com foco na área da Museologia.

Como última etapa de minha metodologia, consultei a página do Acervo Digital Bar Ocidente na rede social *Facebook* para ter um panorama da participação dos habitués no ciberespaço e para discutir a socialização do patrimônio cultural através do Acervo Digital Bar Ocidente.

Com a construção dessa metodologia procurei formar uma rede de sociabilidade que pudesse dar conta de todas as instâncias e dinâmicas que fizeram parte da construção do Acervo Digital Bar Ocidente para, enfim, poder identificar o processo de musealização empregado.

Como resultado de minha trajetória, apresento meu Trabalho de Conclusão de Curso que no Segundo Capítulo intitulado “O Bar Ocidente e a Preservação do seu Patrimônio Cultural: o processo de musealização e a interação dos seus *habitués*” falo da trajetória do Bar Ocidente no contexto bairro Bom Fim e cidade de Porto Alegre. Após, trarei autores que tratam dos assuntos referentes à teoria e a prática museológica, as tendências de que auxiliam na construção desse novo campo de conhecimento e as técnicas bases utilizadas na gestão de acervo dos objetos salvaguardados em instituições de potencial museológico. Identifico assim a gestão de acervo realizada, através da documentação gerada, dos depoimentos de meus interlocutores e da minha própria experiência dentro do projeto. Enfim, serão analisadas as entrevistas realizadas com dois habitués, que podem, através dos seus estilos de vida, representar a(s) identidade(s) cultural (is) do Bar.

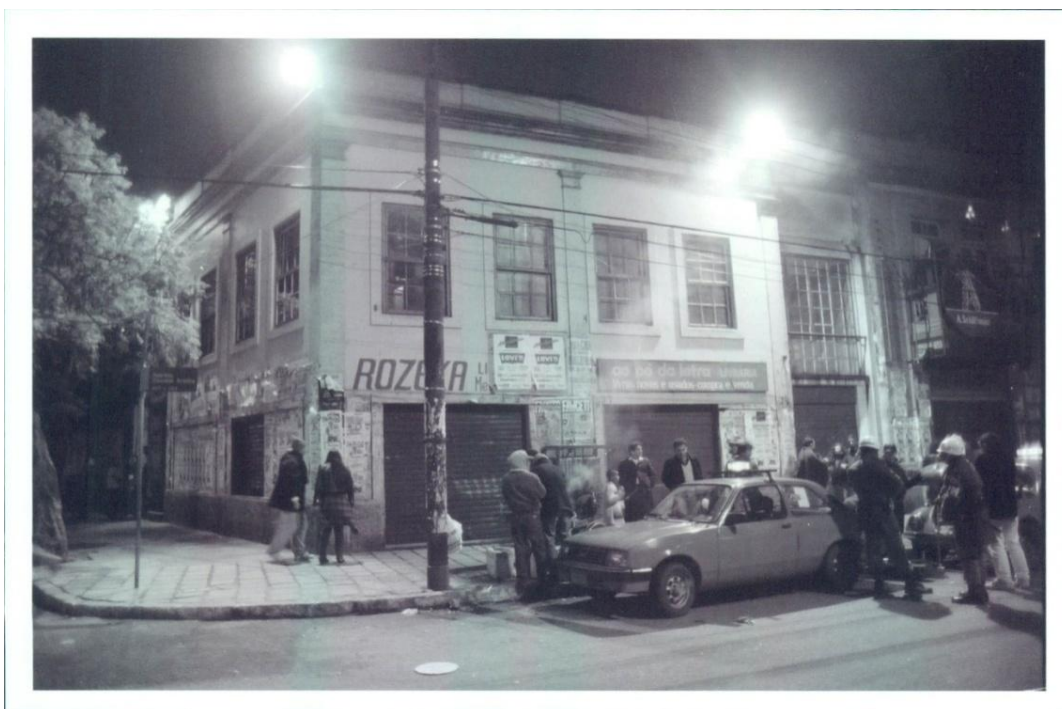
No Terceiro Capítulo “Acervo Digital Bar Ocidente: a socialização do patrimônio cultural e da memória coletiva no ciberespaço” procuro discutir como a memória coletiva dos grupos sociais pode ser acessada no mundo de uma Cibercultura. Com um breve panorama do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação é possível situar a Museologia nessa nova realidade, refletindo sobre o potencial comunicacional dessas novas ferramentas virtuais para a socialização do patrimônio digital. Neste capítulo também descrevo a construção do Acervo Digital Bar Ocidente como espaço virtual e base de dados digital, *layout*, suas funcionalidades e perspectivas.

Nas Considerações Finais retomo as questões iniciais de minha Introdução, fazendo um balanço do processo de minhas ações tanto no projeto como no decorrer desta minha pesquisa. Também comento os desafios da preservação dos novos patrimônios digitais que estão sendo construídos.

2 O BAR OCIDENTE E A PRESERVAÇÃO DO SEU PATRIMÔNIO CULTURAL: o processo de musealização e a interação dos seus *habitués*

Em sua trajetória, o prédio de esquina (Imagem 1), de características luso-brasileiras, patrimônio da cidade de Porto Alegre, gerou testemunhos que hoje integram o Acervo Digital Bar Ocidente. Esses testemunhos são de caráter material, pois são compostos de fotografias, revistas, jornais, cartazes de eventos, *flyers*, convites, entre outros, mas, ao mesmo tempo, são virtuais por estarem disponíveis apenas no ciberespaço⁴. Também possuem uma dimensão imaterial, pois foram gerados a partir das trajetórias de vida, experiências e interações dos frequentadores e *habitués* do Bar Ocidente.

Imagem 1 – Fotografia da esquina onde se encontra o Bar Ocidente. Vista da Av. Osvaldo Aranha. Foto da década de 1980. n. inventário 00910



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

⁴ *Ciberespaço*: palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O Ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontro e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Existe no mundo, hoje, um fervilhar de correntes literárias, musicais, artísticas, quando não políticas, que falam em nome da *Cibercultura* (LEVY, 2010).

Esse patrimônio cultural, salvaguardado através do processo de musealização, deve ser pensado nessa integralidade, como comenta Meneses (2011), desconsiderando a dicotomia material/imaterial (e, no nosso caso, também virtual). O patrimônio imaterial só se manifesta através da materialidade e esta última só faz sentido se estiver envolta dos valores e significados da imaterialidade. Sobre a virtualidade do Acervo Digital Bar Ocidente também é possível pensarmos que o acervo foi digitalizado, possuindo uma materialidade de origem, sendo sua cópia digital somente acessada tendo o suporte do artefato eletrônico como mediação sensorial. Nesse sentido, a materialidade, como característica de bem tangível, não é necessariamente pressuposto para que esses testemunhos tornem-se documentos.

Suzanne Briet reconhecia como documento “todo índice concreto ou simbólico, conservado ou registrado, que tenha por fim representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 1951, p. 7) e, sendo assim, “o documento eletrônico continua sendo percebido como evidência de um fato” (SMIT, 2008, p. 19). Percebemos assim que objetos/documentos no contexto museológico, isolados ou fazendo parte de uma coleção, são patrimônio cultural representantes de sistemas culturais passados e/ou existentes, com grande capacidade de tornar acessível tanto o conhecimento intrínseco quanto o extrínseco, através da prática museal.

Esse patrimônio deve extrapolar qualquer conceituação prévia para se tornar um meio de ação da coletividade que representa:

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: ele é bom para agir. [. . .] não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para serem contemplados. Ele, de certo modo, constrói, forma as pessoas (GONÇALVES, 2009, p.27).

Assim, quando falamos no título deste capítulo em preservar o patrimônio cultural do Bar Ocidente, estamos entendendo como seu patrimônio toda a sua complexa rede: edificação, testemunhos, sujeitos (ou seja, sua coletividade), estilos de vida e seu lugar, como espaço de ação dentro do Bairro Bom Fim, mas também da cidade de Porto Alegre.

Como uma das estratégias que visa essa preservação, no sentido teórico/prático da disciplina de Museologia, temos o processo de musealização, que envolve escolhas, decisões e negociação por parte dos gestores e da equipe técnica. Entendemos dessa forma que

preservar é, conforme Cuty (2012), além de um campo de conhecimento que envolve técnicas advindas de diversas áreas (Museologia, Arquivologia, Biblioteconomia, História, Conservação, entre outras), um campo de tensões e conflitos gerando escolhas parciais, em suma uma prática política.

Nesse sentido, trabalhamos o tema da musealização do acervo do Bar Ocidente percebendo a dinâmica cultural que norteava cada decisão, cada conflito que levou a construção de determinadas ferramentas de preservação.

2.1 Bar Ocidente: a esquina das tribos

Quando se fala em Bar Ocidente logo nos lembramos de um lugar onde se transgride normas, que rejeita o “careta” e integra diversos grupos reunindo as diversas artes. Ele está localizado no Bairro Bom Fim e, conforme contribuições de Pedroso (2009) era, nos anos de 1970 e 1980, um dos espaços destinado à boemia da cidade.

Um lugar de transgressão! Essa noção ligada ao Bar é herdeira do espírito que permeava o Bom Fim naqueles anos finais de Ditadura Militar. A famosa Esquina Maldita, situada na Avenida Oswaldo Aranha com a Rua Sarmento Leite, já era assim conhecida em função do comportamento dos frequentadores - em sua maioria estudantes - dos bares Alasca, Marius, Estudantil e Copa 70, que devido à proximidade com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul construíram um comportamento, um espaço de ação em uma sociedade sufocada, que não apresentava saídas. Assim, muitos jovens acabaram encontrando refúgio nas mesas dos bares, utilizando a arte como forma de protesto (PEDROSO, 2009).

Figura 1 – Mapa do Bairro Bom Fim em Porto Alegre com destaque para a Primeira Esquina Maldita (em vermelho); Segunda Esquina Maldita (em azul) e para o Bar Ocidente (ponto A).



Fonte: GoogleMaps, 2013.

A boemia do Bairro Bom Fim é melhor entendida quando pensamos que o Ocidente está localizado num contexto de proximidade com outros bares, cinemas, auditório Araújo Vianna, o Parque da Redenção e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como podemos visualizar no mapa acima.

Assim, esse acúmulo de experiências gerou no contexto de abertura do regime militar uma expansão da Esquina Maldita para o entorno do Bom Fim como, por exemplo, o Bar Ocidente, que é nomeado por diversas vezes como a segunda Esquina Maldita. É possível visualizar o deslocamento do público através da Avenida Osvaldo Aranha na Figura 1.

Naquele momento a união contra um inimigo em comum manteve a forma desses grupos sociais: “A oposição comum contra um terceiro atua como princípio de união [...]. A mais límpida consciência que uma sociedade toma de sua unidade, pelo efeito da luta, reforça essa unidade, e vice-versa” (WAIZBORT, 2000, p. 55). Dessa forma, percebemos uma das características que possibilitaram a duração destes grupos urbanos, que demonstram em suas formas de socialização, as contradições existentes nas sociedades complexas (OLIVEN, 2007).

Assim o Bar é criado, em 3 de dezembro de 1980, em um prédio de 1879, em estilo colonial português, na esquina da Avenida Oswaldo Aranha com a Rua João Telles, por um grupo de amigos ligados a área cultural da cidade de Porto Alegre, sob o nome de “Bar Show Seis Amigos Limitada”. O nome atual surgiu depois, fazendo referência a outro bar que funcionava no térreo do mesmo prédio, chamado Oriente. Fiapo, o proprietário remanescente, em depoimento ao Jornal do Comércio de 2010, comenta: “Ele tem muitas ideias, mas a básica é o espaço, ter a disponibilidade do espaço para que as coisas acontecessem. Uma liberdade de espaço para que as coisas possam acontecer. O resto é com o povo” (ARAÚJO, 2010, p. 4). O grupo teatral que fez a apresentação de abertura do Bar, o Balaio de Gatos, já no primeiro dia mostrou a que o Bar veio: ser o palco da dramaturgia e para demonstrar ideias e comportamentos fora dos padrões, um ser diferente.

Fiapo identifica três momentos diferentes na trajetória do Bar: os anos 80, caracterizados pela contestação e rebeldia; os anos 90 de baixo movimento, devido às interdições que o Bar sofreu – iniciado pelo episódio marcante da batida policial de 1989, quando diversos jovens foram presos, incluindo um dos proprietários do Bar, sob a acusação de haver drogas no local, ato tido pelos presentes no Bar como preconceituoso, abusivo e arbitrário, levando a criação do Movimento Bom Fim-Pequim. Nesse mesmo período somente o almoço indiano (um dos primeiros locais em Porto Alegre a servir almoço vegetariano, tornando-se clássico nesse sentido) funcionava no Bar. E a terceira, iniciada com a revitalização do Bar, quando surgem as festas como a Balonê, a Mad Donna, Blow Up. Este último momento é caracterizado pela pluralidade de projetos, com destaque ao Ocidente Acústico (Imagem 2) iniciado em 1998 e ao Sarau Elétrico (Imagem 3), iniciado em 1999.

Imagem 2 – Cartaz do projeto Ocidente Acústico. n. inventário 00691



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Imagem 3 – Fotografia intitulada “Sarau Elétrico com canja de Frank Jorge2” – Destaque para os mediadores Luís Augusto Fisher e Kátia Suman. n. inventário 00844



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Esse último momento ainda é evidenciado nos dias atuais, quando o teatro, a música, o cinema e as artes são presença constante no Bar, tanto quando os atores sociais provenientes dessas áreas. A tribalização (MAFFESOLI, 1998) é cada vez mais evidente quando cada dia da semana é dedicado a um tipo de festa diferente, com um tipo de público diferente.

Vale destacar que o Ocidente foi palco do surgimento e afirmação das maiores bandas e músicos do cenário gaúcho: Cascavelletes, Os Replicantes, TNT, De Falla, Graforrêia Xilarmônica, Nei Lisboa, Julio Reny, Adriana Calcanhoto. Também artistas se destacaram como Patsy Cecato e Antônio Carlos Falcão. Nei Van Soria chegou a dizer em depoimento ao Jornal do Comércio de 2010: “O Ocidente, de certa forma, era um curso de pós-graduação, ou graduação, artística sem professor. Foi uma verdadeira escola para toda uma geração” (ARAÚJO, 2010, p. 4).

O Bar Ocidente mantém sua existência através da mutação. As mudanças urbanas ocorridas no Bairro Bom Fim (a fim de transformá-lo num espaço menos “marginal” e mais residencial), que se deram a partir dos anos de 1990, aliado ao fechamento de diversos bares e espaços considerados “perigosos”, levou o Bar Ocidente à renovação de sua imagem e de seu público: aos punks, artistas e público LGBT, outras “tribos” urbanas antes desconhecidas (MAFFESOLI, 1998). Nesse sentido Waizbort refletindo sobre a obra de Simmel comenta esse fator de manutenção: “A saúde do corpo social só se dá pelas mudanças de conduta, de deslocamento de interesses, de contínuas variações nas formas” (WAIZBORT, 2000, p. 54).

Essa identidade cultural construída e mantida por gerações (cabe salientar que essa identidade cultural é dinâmica e não sobrevive senão através da mudança) criou um vínculo, surgido a partir da emoção compartilhada e do sentimento coletivo induzido por um lugar, não só em função da sua permanência física no mesmo prédio, mas porque os frequentadores criaram suas próprias formas de socialização, entendendo-se dessa forma:

A identidade cultural está, assim, muito intimamente ligada à vida e à história dos homens, bem como à consciência que eles têm de si mesmos. Não se trata de ser, mas de saber-se ser, ou de se saber ser como tal. Trata-se em suma daquilo que os homens são e a imagem que fazem de si mesmos, do autoconhecimento (ou reconhecimento) (GUARNIERI, 1989 In: BRUNO, 2011b, p. 178).

Dessa forma, a partir dos estilos de vida dos seus frequentadores, o Bar Ocidente se construiu e se faz presente na história e memória do Bom Fim e da cidade de Porto Alegre, exprimindo sua cultura nas relações sociais, nos modos de produção da arte, elaborando sistemas próprios de linguagem e significação e, por fim, produzindo artefatos que representam sua identidade através do seu patrimônio cultural. Talvez por isso (e acredito que somente por isso) o prédio do Bar Ocidente foi incluído no inventário do patrimônio cultural de bens imóveis, conforme parecer do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural - SMC⁵ no ano de 2012.

2.2 A prática da Museologia: a gestão do acervo do Bar Ocidente

A Museologia como área de conhecimento ainda hoje se encontra em desenvolvimento, diversas pesquisas que objetivam descobrir seu objeto de estudo são tema de discussão e continuam a instigar os museólogos e pesquisadores de áreas afins de diversas partes do mundo.

Sabemos, de acordo com Guarnieri (1979, In: BRUNO, 2011c) que a Museologia (*logos* = teoria) nasce com a Museografia (*graphos* = prática) no séc. XIX, intensificando debates sobre as atividades práticas, como montagem de exposições e apresentação dos objetos, por exemplo, até, enfim, a proposta de constituição de uma ciência em construção. Essa ciência por ser abordada a partir de diversos contextos socioculturais favorece conceituações múltiplas sobre seu fundamento como disciplina científica.

Peter van Mensch (1994), lembrando os diversos encontros em que os profissionais da área discutiram essa temática⁶, nos traz as seguintes possíveis tendências de conhecimento trabalhadas por museólogos e outros pesquisadores que tentam responder se a Museologia é uma ciência ou apenas uma técnica:

1. A Museologia como estudo da finalidade e organização dos museus;
2. A Museologia como estudo da implementação e integração de um certo conjunto de atividades, visando à preservação e uso da herança cultural e natural:
 - a. Dentro do contexto da instituição museu;

⁵ Ver nota de rodapé n.2.

⁶ Apenas lembrando alguns momentos de debates sobre o tema, citados por Mensch: I Simpósio sobre Teoria Museológica (em Brno, 1965) e Simpósio do ICOFOM (em Hyderabad, 1988) (MENSCH, 1994).

- b. Independente de qualquer instituição;
3. A Museologia como o estudo:
 - a. Dos objetos museológicos;
 - b. Da musealidade como uma qualidade distintiva dos objetos de museu;
4. A Museologia como o estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade (MENSCH, 1994, p. 3).

A partir dessa diversidade de estudos relacionados a mesma área de conhecimento é que a Museologia se estrutura e permanece em constante desenvolvimento.

É interessante percebermos que essas diferentes abordagens dizem respeito, fundamentalmente, às mesmas ações ante o patrimônio cultural: “o patrimônio; as atividades relacionadas à preservação e ao uso deste patrimônio; o marco institucional destas atividades; a sociedade e seu conjunto” (MENSCH, 1992, p.81). Essas abordagens podem trazer a instituição museu e suas atividades como centro das atenções do campo museológico, outras vezes dão ênfase à relação do homem com o patrimônio cultural e natural, outras dão atenção às atividades de coleta, preservação, interpretação, pesquisa e exposição dos objetos.

Existem também as abordagens que trazem a ideia de objeto como documento, conceito de **musealidade** cunhado pelo pesquisador Z.Z Stransky⁷, em que a Museologia tem, portanto, a missão de identificar os valores agregados pelos homens a esses objetos a fim de entender as atitudes do homem perante sua realidade – conceito esse com estreita ligação com a Ciência da Informação quando transformamos objetos em documentos, lembramos assim:

- [...] as condições de Briet para determinar quando um objeto se torna documento:
- Materialidade – deve haver materialidade, ou seja, somente objetos físicos e sinais físicos podem constituir documentos;
 - Intencionalidade – deve haver a intenção de tratar o objeto como evidência de algo;
 - Processamento – Os objetos devem ser processados, ou seja, devem ser transformados em documentos;
 - Fenomenologicamente – os objetos devem ser percebidos na qualidade de documentos (BUCKLAND⁸ apud SMIT, 2008, p. 14).

⁷ Conceito definido por Z.Z Stransky em 1965 no Simpósio de Brno. Atualizado em 1974 para a apostila do curso de Museologia da Universidade Jan E. Purkinje (MENSCH, 1994).

⁸ BUCKLAND, Michael. What is a << document >>? *Journal of the American Society of Information Science*, vol. 48, n.9, p. 804-809, 1997. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: 01 mai. 2008.

Suzanne Briet traz como primeiro pressuposto a materialidade, mas vale problematizar essa condição. Os documentos digitalizados são antes de tudo evidência de um fato e, portanto, tão importante quanto a sua tangibilidade. Em resumo, percebe-se a tendência dessas áreas à transformação do objeto de “coisa” a documento, um testemunho com valor.

No contexto brasileiro, possuímos a abordagem “cujas ideias estão muito relacionadas com as de Stransky ou nelas são baseadas” (MENSCH, 1994, p. 13) que diz respeito à relação do homem, representada por um cenário institucionalizado, com a sua realidade, representada pelos objetos que constrói e se relaciona, e assim, chegamos ao ponto de vista da pesquisadora Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, com o conceito de **Fato Museal**, como sendo:

A relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre o qual tem poder de agir, relação essa que se processa em um cenário institucionalizado, o museu (GUARNIERI, 1983-85 In: BRUNO, 2011a, p. 147).

Vale ressaltar que no contexto atual, o cenário institucionalizado não necessariamente é representado pelo Museu. Diversos centros culturais, memoriais e locais que possuem coleções são dedicados à preservação, à pesquisa e à comunicação de patrimônios e, portanto, espaços que realizam atividades de caráter museológico. É importante perceber que a criação dos conceitos ligados à área da Museologia também estão vinculados à criação da instituição Museu e suas funções de salvaguarda, investigação e comunicação de objetos/documentos, seja com a finalidade de deleite ou caráter educacional.

Assim, as investigações realizadas em especial no âmbito do ICOFOM⁹ de certa forma nos direcionam para a existência de apenas uma Museologia no campo teórico, mas que a identificação de seu objeto de estudo (e sua prática) varia conforme as diversas condições socioeconômicas das diferentes localidades (MENSCH, 1994). Por isso, a discussão e reflexão quanto à teoria e à prática da Museologia são relevantes para o aprimoramento de questões referentes à preservação do patrimônio, para que o mesmo seja utilizado no presente e que pensado através de seu passado possa ser projetado para o futuro.

⁹ International Committee For Museology, um dos trinta e um comitês internacionais do International Council of Museums.

Nessa perspectiva, antes de indicarmos as etapas técnicas de caráter museológico que culminaram na formação do Acervo Digital Bar Ocidente, precisamos investigar a caminhada que levou os idealizadores da criação do Projeto “Bar Ocidente: memória cultural de Porto Alegre” até a chegada da Universidade e, por fim, a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente, que aqui é entendida:

[...] como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas [como um Acervo Digital]. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo [A Gestão de Acervos] (CURY, 2005, p. 26).

Em depoimento, Gibran Bisio, publicitário e dono da empresa de design responsável pelo ambiente virtual¹⁰ e também um dos idealizadores do Projeto, informa que sua aproximação com esses materiais veio em função de uma de suas ex-funcionárias, que efetuava atividades de prospecção para o Bar Ocidente. Ela também era a responsável pela renovação do site do Bar e Gibran Bisio acabou se vendo dentro dessa atividade também. Após reunião com Fiapo, dono do Bar, conheceu a vontade deste em criar uma Galeria de Imagens dentro do site, que contemplaria o material que ele havia guardado por anos. A intenção de Fiapo era preservar esse material, mas também disponibilizá-lo para alunos, jornalistas, frequentadores, sem que ele precisasse dispor de seu tempo e nem ficar sujeito a perder alguns materiais por falta de quem fiscalizasse as visitas a eles.

Gibran Bisio reconheceu a quantidade de materiais que havia e percebeu a impossibilidade técnica da realização dessa Galeria. Questões relacionadas à hospedagem do site, à digitalização e à organização para busca demandariam algo muito maior, com outros profissionais envolvidos e assim Gibran Bisio e Fiapo chegaram a conclusão que a criação de uma Galeria Virtual de Imagens em outro site seria a melhor ideia. A noção de acervo veio depois, como comenta Gibran Bisio:

Assim, a palavra acervo foi uma coisa que veio depois, foi uma coisa que veio assim, foi a Ana, que enquadrando o Projeto dentro dos moldes, transformando ele realmente num Projeto, é que trouxe esse termo acervo [...] O status de acervo, de uma coisa mais organizada, assim surgiu depois, com a entrada da Ana [e da

¹⁰ MOBE design. Site: <http://www.mobedesign.com.br/>

produtora Alecrim], da conversa da Ana com a Jeniffer [representante da Universidade] [...] Ela foi quem trouxe esses conceitos mais organizados de acervo, de Museologia (BISIO, 2013, informação verbal).

Interessante destacar esse fato, pois foi a partir da necessidade vinda da construção de um projeto a fim de arrecadar recursos para a criação da então Galeria, que efetivamente o processo de musealização foi iniciado.

O apoio e reconhecimento de Fiapo salienta Gibran Bisio, foi um dos grandes desafios do Projeto, pois apesar de ter a intenção de divulgar o material reconhecendo uma demanda de pesquisa, ele demorou a perceber a relevância cultural e a importância da organização e divulgação desse material como acervo, parte do patrimônio cultural da cidade.

Gibran Bisio faz questão de comentar que a interatividade dentro da então Galeria Virtual de Imagens foi pressuposto básico para a criação do Projeto, mesmo que a utilização do digital fosse a solução que se tinha naquele momento para comunicar o mais rápido possível aquele material. Também se refere a pesquisas realizadas em bases de dados, assim como de museus virtuais de grande porte. Ele visualizava algo no meio termo desses dois tipos de ambientes virtuais: “A ideia era as pessoas terem acesso livre e irrestrito aos materiais referentes à vida do Bar Ocidente, entendeu?” (BISIO, 2013, informação verbal).

A partir de então o Projeto cresceu, ocorreu o envolvimento das duas produtoras, do Bar Ocidente e da Universidade através do “Projeto de Extensão: Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente”. O Projeto Bar Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre se tornou viável quando do recebimento dos recursos financeiros vindos do FUMPROARTE/PMPA¹¹ e enfim, após uma série de discussões sobre sua nomenclatura e legislação que regem os Museus (pesquisa por parte das produtoras) chegou-se ao Acervo Digital Bar Ocidente. As características desse Acervo nos fazem acreditar que deva ser conceituado como **coleção visitável**, conforme parágrafo único do Estatuto de Museus:

Parágrafo único. Serão consideradas coleções visitáveis os conjuntos de bens culturais conservados por pessoa física ou jurídica que não apresentem as

¹¹ “O Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (FUMPROARTE) foi criado em janeiro de 1994 e financia projetos nas áreas de teatro, artes visuais, cinema, vídeo, música, literatura, memória cultural, artesanato, fotografia, dança e folclore”. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/extra/mar99/cultu3.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

características previstas no art. 1º desta Lei¹², e que sejam abertos à visitação, ainda que esporadicamente (BRASIL, 2009, documento eletrônico).

Nos testemunhos físicos do Bar Ocidente o tratamento técnico foi realizado tendo como base teórica principal a Museologia, muito em função do número de técnicos envolvidos na pesquisa que a tem como área de formação (dos cinco técnicos que participaram do projeto, 3 eram estudantes de Museologia, 1 de Biblioteconomia e 1 Produtor Cultural). Mas a interdisciplinaridade foi fundamento básico para as ações de gestão de acervo, uma vez que para realizar todas as etapas identificadas nesse tratamento foi necessário o suporte teórico de outras áreas como a Biblioteconomia, a Conservação, a Comunicação, entre outras.

Assim, analisamos o tratamento documental identificado sob os olhos da Museologia, entendendo que a gestão de acervo é vista como os métodos pelos quais as coleções são formadas, selecionadas, conservadas, documentadas, interpretadas, enfim, preservadas enquanto bens musealizados (LADKIN, 2004)¹³. Ela viabiliza o processo de musealização no momento que identifica valores, que transforma o objeto em documento representante de um coletivo.

Na formação do Acervo Digital Bar Ocidente foi possível identificar as etapas pelas quais a musealização foi efetivada e que primeiramente foram apresentadas no Seminário Ocidente Memória Cultural de Porto Alegre¹⁴. A primeira etapa iniciou em novembro a dezembro de 2011 e teve como técnicos um produtor cultural, uma técnica pesquisadora da

¹² Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, documento eletrônico).

¹³ A Biblioteconomia e a Arquivologia foram as primeiras áreas a se dedicarem a gestão dos documentos digitais e digitalizados: “[...] o contexto bibliográfico foi o primeiro a adotar um modelo de descrição legível por máquina (MARC Machine-Readable Cataloging Records) [...] Em seguida, o conjunto dos fundamentos teórico-metodológicos da organização de arquivos nos presenteou (para o contexto digital) com a dinâmica da circulação do documento arquivístico [...] A característica dominante na gestão desse recurso digital é o acompanhamento e o registro dos dados modificadores do conteúdo a cada deslocamento. (DODEBEI, 2006, p. 5). A descrição do acervo (definição dos instrumentos de gestão e dos padrões de dados para a interoperabilidade) e a descrição da informação digital (política de metadados, taxonomia, definição de plataformas para a gestão de dados) são desafios discutidos e muito tempo por essas áreas.

¹⁴ O Projeto Ocidente Memória Cultural de Porto Alegre previa em seu cronograma o retorno ao público das atividades realizadas e, portanto, em parceria com a UFRGS, através do “Projeto de Extensão: Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente” realizaram este Seminário que ocorreu dia 06 de dezembro de 2012 no auditório da Faculdade de Arquitetura. Ver mais: <<https://www.facebook.com/events/510337658990122/>>

área da Biblioteconomia e uma da Museologia. Foi realizado o levantamento superficial dos materiais que compunham o acervo e suas condições físicas, higienização e pequenos reparos dos cartazes e acondicionamento dos primeiros materiais tratados.

De dezembro de 2011 a janeiro de 2012 aos cuidados dos mesmos técnicos, foram criadas as primeiras categorias e subcategorias do acervo, como os cartazes, periódicos, *flyers*, documentos, entre outros. Foi realizada pesquisa sobre documentação museológica e banco de dados digitais; ocorreu a criação do inventário e teve início a catalogação dos periódicos. Por necessidade de normatizar a atividade de catalogação criou-se o Manual de Preenchimento do Inventário (ANEXO A). Foi acrescentado ao inventário campos para o preenchimento de informações descritivas sobre elementos contidos nos cartazes e periódicos (material que estava sendo tratado naquele momento) para melhor recuperação da informação. Essas novas informações foram acrescentadas com base em pesquisa das temáticas do Bar Ocidente encontradas naqueles materiais. O material também foi organizado por dimensões (existiam cartazes em tamanhos diversos: A4, A3 entre outros) e selecionado, pois alguns estavam em mau estado de conservação ou sem informações pertinentes.

Em fevereiro de 2012 ocorreu a primeira mudança na equipe, os técnicos envolvidos eram dois da área da Museologia e um produtor cultural. Naquele momento ocorreu a consolidação das práticas de documentação museológica no que diz respeito à atualização das categorias e subcategorias.

A segunda etapa teve início em março de 2012 e já tinha como técnicos 3 pesquisadores da área da Museologia. A prática museal foi consolidada e também foram efetuadas pesquisas na área de museus virtuais. Foi realizado o mapeamento da totalidade do acervo e a organização das categorias e subcategorias a partir dos novos suportes encontrados (convites, ingressos, carteirinhas VIPS, comandas, documentos, livros).

De maio a outubro de 2012, com a mesma equipe técnica, foi realizada a preparação da totalidade do acervo para a digitalização com a criação do fluxograma (ANEXO B) (a fim de ter um panorama das categorias e subcategorias identificadas e da quantidade do acervo que pudesse auxiliar a empresa contratada na digitalização), ocorreu a realização de entrevistas com *habitués* para comporem o acervo e a digitalização (realizada por empresa contratada). Cabe resaltar que a digitalização do acervo era o fim para qual o acervo foi tratado. Mas o que deveria ser digitalizado? Somente o que foi inventariado, e nesse

sentido, vários critérios foram sendo elaborados pela equipe técnica para a escolha de que materiais comporiam o Acervo Digital Bar Ocidente. O que se percebe dessa etapa é a intenção da equipe de tratar o objeto como evidência de algo, constituindo-se em uma das condições para que um objeto se torne documento, identificadas por Suzanne Briet e discutidas por Buckland¹⁵ (BUCKLAND *apud* SMIT, 2008). Após a digitalização, a equipe realizou a conferência dos itens digitais, e com isso efetuou as últimas atualizações na catalogação do acervo.

Como última etapa, de maio a dezembro de 2012 a empresa Mobe Design ficou responsável pela transposição do inventário em *Excel* para a base de dados que, conjuntamente com o desenvolvimento de identidade visual e *layout*, se tornaria o Acervo Digital Bar Ocidente. O tratamento e a organização do acervo em formato digital, a criação do ambiente virtual e a manutenção das redes sociais vinculadas ao Acervo foram realizadas pela equipe da produtora Mobe, contendo uma equipe de programador e publicitários, sendo, portanto uma etapa desvinculada às atividades de caráter museológico.

Na perspectiva da gestão de acervos, do qual a documentação museológica faz parte, verifica-se, a partir da identificação dessas etapas, que essas se referem se à **conservação preventiva**, à **seleção** e à **incorporação** e à **comunicação** do acervo.

O material chegou às mãos da equipe em diversos suportes, alguns inapropriados a sua conservação. Vê-se nas etapas descritas acima que o material foi reconhecido ao mesmo tempo em que foi higienizado e acondicionado em materiais mais apropriados como, por exemplo, caixas poliondas, envelopes de papel neutro e pastas plásticas de formato A3.

Quanto à seleção, em conversa com a técnica pesquisada Daniela do Amaral foi possível verificar que o prazo de um ano, previsto para o Projeto, levou à seleção contínua do material que viria ser digitalizado. Só seria digitalizado o acervo que já estivesse inventariado. Esse fato levou a criação de critérios de seleção que foram constantemente negociados em equipe. Dentre esses, destacamos os seguintes: estado de conservação (havia materiais que estavam ou com perda de suporte ou perda de informação), repetição de material, fotocópia ou original, relevância do personagem e/ou fato retratado no material. Este último foi realizado com base na experiência e vivência dos técnicos

¹⁵ BUCKLAND, Michael. What is a << document >>? **Journal of the American Society of Information Science**, vol. 48, n.9, p. 804-809, 1997. Disponível em:<<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

pesquisadores dentro do Bar Ocidente, assim como em pesquisas no acervo trabalhado. A intenção da equipe técnica foi interpretar e expor através do acervo a trajetória do Bar, mas percebe-se que cada pesquisador acabou utilizando critérios quase que particulares (pois não eram todos os pesquisadores que tinham essas experiências).

A incorporação dos dados foi realizada através do inventário (Figuras 2 e 3) e da marcação do número de registro nos materiais. O inventário foi construído no programa *Excel* prevendo sua sobreposição para a base de dados virtual do Acervo Digital Bar Ocidente.

Figura 2 – Inventário com destaque para a categoria: Visual

Id	Categoria	Subcategoria	Data	Dimensões	Descrição/ Palavras-Chave	Djs	Produtor	Pontos de Ve	Técnico	resData	inventaria	Ilustrador	Qta
8	Visual	Flyer	12/04/??	5x9 cm	Informações na frente: o melhor dos Guto Hayata	s/r	s/r		Daniela		05/03/12		
9	Visual	Flyer	13 20 e 27/05/??	10x7cm	Informações na frente:fundo preto c s/r	s/r	s/r		daniela		05/03/12		
10	Visual	Convite	30/10/11	10x15cm	Informações na frente:fotografia cor s/r	s/r	s/r		daniela		05/03/12		
11	Visual	Convite	17/12/??	10x15cm	Informações na frente:desenho de u make up	s/r	s/r		daniela		05/03/12	vinicius@te	
12	Visual	flyer	26/04/03	10x15cm	informações na frente: fundo verde magoo	s/r	s/r		daniela		05/03/12	marc3en70	
13	Visual	flyer	20/08/84	10x16cm	informações na frente:fundo vermelho s/r	s/r	s/r		daniela		05/03/12		
14	Visual	flyer	18/12/??	9,4x10cm	informações na frente: flyer dividida s/r	s/r	s/r		daniela		05/03/12		
15	Visual	Flyer	28/08/2004	15x18cm	informações na frente:foto em pret: Lucio Ka-hara,Renan Schn	s/r	s/r		Daniela		06/03/2012	Lucio Ka-ha	
16	Visual	Flyer	15/04/1998	17x18,5cm	informações na frente:fundo preto c s/r	s/r	s/r		Daniela		06/03/2012	CN-DST eAlt	
17	Visual	Flyer	30/04/2005	21x10cm	informações na frente:flyer em azul cris.mattos;JZK;Carol;NC	s/r	s/r		Daniela		06/03/2012		
18	Visual	Flyer	11/10/??	10x14cm	informações na frente: nas cores pri Gerbase,Mari Kircher,Pitti	s/r	s/r		Poa;shoppin Daniela		06/03/2012		
19	Visual	Flyer	20/12/??	10,5x15cm	Informações na frente: Flyer bar ociz Zbigga; Barth Girl; Grimm	s/r	s/r		Deise		05/03/2012		
20	Visual	Flyer	13/08/??	6,5x8,5cm	Informações na frente: bar ocidente Leo Felipe; Drégus + Gi Ra	s/r	s/r		Rouparia e t Deise		05/03/2012		
21	Visual	Flyer	11/01/??	6,5x13,5cm	Informações na frente: bar ocidente Léo Felipe; Rafahel; drégu	s/r	s/r		Deise		05/03/2012		
22	Visual	Flyer	11/07/??	10,5x14cm	Informações na frente: Festa Raridad; Tais Scherer; Adriana Ban	s/r	s/r		Produçã Lanheria do Deise		05/03/2012		
23	Visual	Flyer	17/06/2001	10x15cm	Informações na frente: Function seri Ilton Palma; B-nites; Herr	s/r	s/r		Deise		05/03/2012		
24	Visual	Flyer	26/05/2001	10x15cm	Informações na frente: Function seri Elieser paze; maciel coli; pablo alva	s/r	s/r		Deise		05/03/2012		
25	Visual	Flyer	18/08/2001	10x10cm	Informações na frente: Eletro Chilll / fundo vermelho com ilus	s/r	s/r		Deise		05/03/2012		
26	Visual	Flyer	15/03/??	10x16,4cm	Informação na frente: Festa viva a g s/r	s/r	s/r		Deise		16/04/2012		
27													
28													
29	Visual	Flyer	17/12/2010	19 10,2X15	Informação na frente: Flyer domingos s/r	s/r	s/r		Priscila		05/03/2012	s/r	

Fonte: Inventário, 2012.

Figura 3 – Inventário com destaque para a subcategoria de acervo: Cartazes

Nome/Título	Festa	Localização	Nº de Inventário	Categoria	Subcategoria	Data	Dimensões	Des
Cartaz Late Bar New Order	Late Bar	Pasta 1	00001	Visual	Cartaz	28/10/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar The Cure	Late Bar	Pasta 1	00002	Visual	Cartaz	25/09/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar Save Ferris	Late Bar	Pasta 1	00003	Visual	Cartaz	26/09/?? 22h	30,5X45,8 cm	Car
Cartaz Late Bar David Bowie	Late Bar	Pasta 1	00004	Visual	Cartaz	24/10/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar Moonwalker	Late Bar	Pasta 1	00005	Visual	Cartaz	25/07/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar Madonna Ce	Late Bar	Pasta 1	00006	Visual	Cartaz	22/08/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar Party Up	Late Bar	Pasta 1	00007	Visual	Cartaz	27/03/??	A3	Car
Cartaz Late Bar Back to the	Late Bar	Pasta 1	00008	Visual	Cartaz	23/05/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar [Sex and th	Late Bar	Pasta 1	00009	Visual	Cartaz	22/05/?? 22h	30,9X43,2 cm	Car
Cartaz Late Bar	Late Bar	Pasta 1	00010	Visual	Cartaz	23/10/??	A3	Car
Cartaz Late Bar Michael Jaci	Late Bar	Pasta 1	00011	Visual	Cartaz	23/02/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar	Late Bar	Pasta 1	00012	Visual	Cartaz	23/01/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar 7 anos!	Late Bar	Pasta 1	00013	Visual	Cartaz	27/11/2010	A3	Car
Cartaz Late Bar New Wave	Late Bar	Pasta 1	00014	Visual	Cartaz	24/01/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar sounds of th	Late Bar	Pasta 1	00015	Visual	Cartaz	25/04/2009 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar 5 anos	Late Bar	Pasta 1	00016	Visual	Cartaz	22/11/2008 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar [in Woderla	Late Bar	Pasta 1	00017	Visual	Cartaz	24/04/2010	A3	Car
Cartaz Late Bar	Late Bar	Pasta 1	00018	Visual	Cartaz	16/10/??	A3	Car
Cartaz Late Bar [Natal]	Late Bar	Pasta 1	00019	Visual	Cartaz	10/12/??	A3	Car
Cartaz Late Bar Depeche Mc	Late Bar	Pasta 1	00020	Visual	Cartaz	27/11/?? 22h	A3	Car
Cartaz Late Bar 4 anos	Late Bar	Pasta 1	00021	Visual	Cartaz	24/11/?? 22h	A3	Car

Fonte: Inventário, 2012.

O preenchimento do Inventário foi realizado através de campos que se adaptavam à categoria do acervo, a saber: Nome/Título, Autor, Festa, Localização, Número de Inventário, Categoria, Subcategoria, Temas Primário e Secundário (fruto da pesquisa do técnico, são as chamadas características extrínsecas), Veículo de Publicação, Palavras-Chave, Local, Editora,

Data, Página, Suporte, Dimensões, Dj's, Produtora, Pontos de Venda, Descrição, Observação, Fotografia, Ilustração, Inventariado por, Data do Inventário, Objeto Relacionado e Fonte de Pesquisa.

Como principal campo de preenchimento, o **número de inventário** foi pensado para ser numeração crescente de 5 dígitos. O inventário já previa a numeração de objetos compostos por partes, a exemplo: um mesmo jornal (n. de inventário 01155) que contém inúmeras reportagens, de autores diferentes ou não (Figura 4). Casos como o item abaixo-assinado do movimento Bom Fim-Pequim (n. de inventário 01064) que se enquadrava na mesma situação (item composto de partes) não foi inventariado seguindo o mesmo padrão (Figura 5), o que evidencia diferentes modos de catalogação, vindos da experiência, desatenção ou até subjetividade de cada técnico.

Figura 4 – Recorte do Inventário com destaque para a categoria: Periódicos

Nome/Título	Autor	Categoria	Subcategoria	Nº de Inventar	Localização	Veículo de Publicação	Palavr
321 Um Show pela Paz	Luiz Paulo Santos	Periódicos	Jornal	01155 - A	pasta 6	Rosa Tatttoada; Justa Causa; Cascavell	
322 O Lúdico e a repressão	Juremir machado d	Periódicos	Jornal	01155 - B	pasta 6	Zero Hora/Guia	Operação Oc
323 É muito grave o estado de Henry	Marco Aurélio Nun	Periódicos	Jornal	01155 - C	pasta 6	Zero Hora/Guia	Henry Eduan
324 Movimento Bom Fim-Pequim: "Mais uma	Marco Aurélio Nun	Periódicos	Jornal	01155 - D	pasta 6	Zero Hora/Guia	Movimento i
325 Fiapo Barth responsabiliza gangue	Marco Aurélio Nun	Periódicos	Jornal	01155 - E	pasta 6	Zero Hora/Guia	Antonio Bart
326 Amigos de Henry viram os criminosos	Marco Aurélio Nun	Periódicos	Jornal	01155 - F	pasta 6	Zero Hora/Guia	vereador Ge

Fonte: Inventário, 2012.

Figura 5 – Recorte do Inventário com destaque para a tipologia de acervo: Documentos

A	B	C	D	E	F	G
19 [Projeto Bienal B]	Lisiane Rabelo e Gaby Benedi	Documentos	Correspondência	01058	Caixa 2 - Envelope 02	Bienal do Mercosul; Bienal B; Desfile d
20 The Flesh-fly Party	s/r	Documentos	Release	01059	Caixa 2 - Envelope 02	Fim de Século; The Flesh-fly Party; Fest
21 Ocidente 20 anos	s/r	Documentos	Release	01060	Caixa 2 - Envelope 02	Ocidente; Artistas; Porto Alegre; Bar; R
22 Ocidente 1980-2000: 20 anos de boa música e	s/r	Documentos	Release	01061	Caixa 2 - Envelope 02	Ocidente; Programação; 20 anos
23 Contrato Social	s/r	Documentos	Contrato	01062	Caixa 2 - Envelope 02	Contrato Social; Bar Show Seis Amigos;
24 Alteração contratual	s/r	Documentos	Contrato	01063	Caixa 2 - Envelope 02	Alteração Contratual; Bar Show Seis An
25 Bomfim-Pequim	s/r	Documentos	Abaixo assinado	01064	Caixa 2 - Envelope 03	Abaixo assinado; Bonfim Pequim; Violé

Fonte: Inventário, 2012.

Em função dessas situações se tornou necessário a construção de um Manual de Preenchimento do Inventário, para que as práticas de preenchimento de inventário fossem normatizadas. Conforme Daniela do Amaral, esse instrumento norteava as suas ações e foram fundamentais nesse sentido. O Manual foi constantemente atualizado, visando essa padronização das atividades. A equipe utilizou como referência básica para a construção desses instrumentos os Cadernos de Diretrizes Museológicas, publicação

MinC/IPHAN/DEMU¹⁶ de 2006 e outras referências na área de Documentação Museológica (Ver no ANEXO A – Manual de Preenchimento do Inventário).

A **incorporação**, a **classificação** e a **catalogação** ocorreram de forma inter-relacionada, tendo como seu principal eixo o Inventário e seu Manual de Preenchimento. Ao mesmo tempo em que o material era incorporado ao Acervo, eram identificadas categorias e subcategorias que poderiam transformar esses materiais em fontes de informação recuperável. Essa identificação ocorreu em função do significado de sua função, na linha de Mencsh (1987). Conforme o processo de documentação se consolidava nos moldes da teoria museológica, o que era chamado de “tipologias de materiais” passou a ser reconhecida como **categoria**, levando em consideração que:

[...] o objeto museológico sai do circuito material para o qual foi concebido, para ser índice de si mesmo, ou de sua categoria. As categorias de acervo, também chamadas de subdivisões tipológicas, podem atender a critérios diversos, sustentados pela escolha interpretativa do acervo pelo sistema de documentação, que lhe fornece uma identidade artificial preestabelecida (CÂNDIDO, 2006, p.43).

O critério utilizado pela equipe na etapa de categorização foi o de hierarquizar os materiais em uma lógica que facilitasse a compreensão do usuário e conseqüentemente a recuperação das informações intrínsecas e extrínsecas do objeto. As categorias foram criadas quando a catalogação já havia iniciado e foram organizadas dessa forma: A categoria **Periódicos** subdivide-se nas seguintes subcategorias: Revistas, Jornais, Fanzinis. A categoria **Visual** subdivide-se nas subcategorias: Flyers, Cartazes, Fotolitos, Artes, Convites, Ingressos, Cartões Vip, Cardápio, Fotografias, Slides, Comandas. A categoria **Documentos** subdivide-se em: Abaixo assinados, Certificado, Release, Contrato, Correspondências. A última categoria Audiovisual não possui subcategorias. A equipe entendeu que esse tipo de categorização auxiliava na identificação do foco de análise do técnico, que poderia ser na imagem (Categoria Visual e Audiovisual), no texto (Documentos) ou ambos (Periódicos). Nem todos os materiais pertencentes às subcategorias constantes no Manual foram inventariados, devido a questões de tempo e de direito autoral.

¹⁶ Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais (atual Instituto Brasileiro de Museus).

Assim a categorização do acervo não foi uma decisão única e estanque, mas um processo que ocorreu em equipe. A primeira experiência de todos na construção de um sistema de documentação se deu a partir de erros e acertos, mas também da subjetividade interpretativa de cada técnico em relação aos testemunhos do Bar Ocidente.

Outro campo de preenchimento que vale destacar é o **Tema**, criado quando da necessidade de inventariar as Fotografias. Em função de ser uma tipologia de extrema importância para o acervo, ao ver da equipe, foi criada uma classificação específica que auxiliasse da melhor forma possível à recuperação dessa informação. O preenchimento desse campo deve vir essencialmente da pesquisa do técnico que irá inventariar:

Temas (fruto de pesquisa) - Campo indicado para a inserção do tema do objeto, este previamente delimitado pela equipe. Fruto da pesquisa efetuado pelo técnico.

- Manifestações (fotos de manifestações sociais-políticas-culturais no espaço do Bar Ocidente ou do entorno);
- Lugar (fotos do espaço interno e externo do Bar Ocidente – incluindo fotos do entorno);
- Restaurante (fotos de refeições e de momentos na cozinha – incluindo o famoso Almoço do Bar Ocidente (tema secundário))
- Festas (Fotos de festas diversas que aconteceram no espaço do Bar Ocidente – um amontoado de gente bebendo);
- Produções Culturais: separa-se em temas secundários:
 - Shows – Apresentações ao vivo de bandas ou cantores;
 - Performances – manifestação artística que combina música, teatro, vídeo, etc.;
 - Peças de Teatro – manifestação artística encenada;
 - Produções Cinematográficas – gravações de filmes, longas, curtas etc. Ex: Filme Tolerância; O Homem que Copiava;
 - Produções Fotográficas – books ou outras fotografias artísticas feitas no espaço do Bar Ocidente;
- Pessoas: fotografias onde só se distingue o foco em determinadas pessoas. Se essas estão claramente identificadas em uma festa ou em um show, a temática principal será essa, ficando o nome da pessoa como tema secundário. Ex: Foto X - Tema Principal: Produções culturais - Temas secundários: Filme Tolerância; atriz Maria Ribeiro; etc.;
- Premiações: Fotografias referentes a eventos de premiações ou indicações a prêmios. Ex: Foto Y – Tema Principal: Premiação Comer e Beber 2009 – Temas secundários: Fiapo Barth; Filho Fiapo Barth; (OLIVEIRA, 2012, n.p.).

Dificuldades foram reconhecidas pela técnica interlocutora durante as etapas de documentação, mas suas soluções também. O trabalhar em turnos separados causou certa dificuldade na padronização da atividade de documentação, comenta Daniela do Amaral: “É interessante o grupo se encontrar para saber como o outro está inventariando” (AMARAL, 2013, informação verbal). No decorrer da catalogação a equipe se dava conta que precisava

criar uma nova categoria, ou campo de preenchimento e assim, todo o trabalho que havia sido feito deveria ser revisto e os novos itens deveriam ser inventariados com essa nova regra. Daniela do Amaral lembra uma situação:

O Dj da festa, no início a gente não deu bola, mas daí a gente se deu conta de que o Dj era algo importante. De que as pessoas procurariam por Dj. A gente tinha que se colocar sempre no lugar do usuário. Como é que o usuário desse acervo poderia pesquisar que palavras-chave seriam interessantes para o usuário (AMARAL, 2013, informação verbal).

O foco no usuário também é frisado pela pesquisadora Yassuda (2009, p. 26): “Entendemos que o princípio da documentação de museus é fomentar o processo de comunicação entre o item e o usuário, com o objetivo final da geração de conhecimento”. Faltando essa premissa, o tratamento documental perderá em seu fim, dificultando o acesso à informação e ao conhecimento. Mas há de se destacar que a falta de uma linguagem controlada (tesauros) baseada no conhecimento profundo da instituição, do usuário e das características do acervo (YASSUDA, 2009), dentro do sistema de documentação analisado, denota essa dificuldade citada pela técnica Daniela do Amaral. A catalogação do patrimônio cultural quando da sua digitalização cria novas problemáticas a serem refletidas pela Museologia, situações essas que merecem maiores aprendizados vindos principalmente das áreas da Biblioteconomia e Arquivologia¹⁷.

A partir da análise dessas etapas é possível identificar os instrumentos de preservação criados. A documentação foi atividade chave para a incorporação desses materiais em um sistema de organização que finalmente os possibilitou ser chamados de acervo. Os **componentes (parte da gestão de acervos) de entrada: seleção e aquisição; de organização**

¹⁷ Um dos grandes desafios à gestão do patrimônio digital para a Museologia é a catalogação desse material, em função da dispersão conceitual gerada a partir da diversidade de padrões de registro do patrimônio cultural: “Ao ingressar no ciberespaço o documento se transforma em recurso informacional e passa a fazer parte do estoque informacional que constitui a memória virtual da web. Assim é que sua nomenclatura muda; de documento para recurso, no caso do acesso, e de documento para objeto informacional, no caso de sua representação digital. A solução de interoperabilidade dos recursos informacionais digitalizados pode ser acompanhada pelo desenvolvimento da chamada websemântica, que tenta minimizar os efeitos da dispersão conceitual durante o processo de busca informacional entre campos com afinidade de pesquisa, a partir da construção de pontes conceituais representadas pela criação de taxonomias e ontologias conceituais [. . .] O modelo conceitual referencial do CIDOC-ICOM-UNESCO é um projeto em desenvolvimento que usa tecnologia de ontologia de domínio orientada a objeto para o intercâmbio de dados sobre tecnologia de ontologia de domínio orientada a objeto para o intercâmbio de dados sobre patrimônio cultural. Arrola em sua estrutura hierárquica 81 classes (superclasses) interligadas a 132 propriedades.” (DODEBEI, 2006, p.5). Ver também nota de rodapé n. 13.

e controle: registro, número de identificação/marcação; **de armazenamento/localização** e de **classificação/catalogação** e **indexação**, que constituem um bom sistema de documentação museológica conforme Ferrez (1994), foram identificados de forma adaptada à realidade do Projeto e também a experiência de cada profissional envolvido, como explana Daniela do Amaral:

Era uma descrição quase infinita que a gente poderia fazer como é uma documentação museológica, que ela não é finita, sempre tem uma possibilidade de ampliar. E como a gente tava tratando com um olhar muito museológico, estava demorando muito, era uma coisa infinita. Mas tinha que ser finito, tinha um prazo para terminar [...] Não dava para ser tão museológica, precisava acabar (AMARAL, 2013, informação verbal).

Como finalização destas etapas, foi construído um fluxograma que dá uma visão geral da organização do acervo. Ele foi estabelecido para auxiliar no processo de digitalização, mas também pode ser interpretado como um documento auxiliar no entendimento de toda a documentação realizada, em suas lógicas de organização.

Assim, esses documentos e fotografias foram selecionados, primeiro pelo seu colecionador, após pelos técnicos que o documentaram. Esses objetos transformaram-se em acervo e conseqüentemente em testemunhos do Bar Ocidente, adquiriram valor de **Musealidade**. São também representantes de todas as relações que este lugar fomenta, potencializando o **Fato Museal**.

2.3 Um ser Ocidente

O tratamento museal que é dado aos objetos a fim de transformá-los em fontes de informação e conhecimento tem sua legitimação se pensado e realizado para os grupos. Por isso, esse tratamento deve levar em consideração as formas de organização e interação entre os indivíduos no âmbito social, no nosso caso, a própria cidade.

A cidade é produção simbólica dos grupos que a criam e a habitam em sua complexidade e é onde, conforme Eckert e Rocha (2001) coexistem por excelência estilos de vida, visões de mundo e *ethos* que se mantêm apesar da barreira do tempo e da perda das referências materiais.

A existência, portanto, de territórios de sociabilidade, como o Bar Ocidente: “[. . .] fornecem o suporte material de um investimento simbólico referido ao cotidiano afetivamente significativo de seus grupos sociais” (ECKERT; ROCHA, 2001, p. 7) e, assim, tornam-se os espaços sobre os quais esses grupos fundem sua identidade.

Estamos, por conseguinte, pensando que a identidade cultural, como comenta Guarnieri (GUARNIERI, 2011b In: BRUNO, 2012), tem como referencial as características da cultura em questão, estando diretamente ligada à herança e ao patrimônio cultural reconhecido pelos grupos. O reconhecimento desse patrimônio se dá através dos chamados jogos de memória (ECKERT; ROCHA, 2001) e da negociação da realidade que acontece como uma vontade e sentimento de pertença coletiva, no sentido da memória coletiva de Halbwachs (2006).

Mas então, afinal, quem são os grupos para quem musealizamos os testemunhos do Bar Ocidente? Quais seus estilos de vida, gestos, imagens que os constituem como grupos frequentadores e representantes do Bar? O que reconhecemos como suas identidades?

Marco Fronchetti, ligado às artes dramáticas, foi um dos primeiros frequentadores do Bar Ocidente, como ele comenta: “As primeiras carteirinhas que tinham no Ocidente, a dele [fazendo referência a um amigo] era 001 e a minha 002, entendeu? As duas primeiras pessoas que entraram no Bar [risos]” (FRONCHETTI, 2012, informação verbal).

Ricardo da Silva, vindo da área da comunicação e artes dramáticas, também iniciou sua relação com o Bar Ocidente através de amigos, também os de Marco Fronchetti. Esses amigos eram os mesmos criadores do Bar e, por isso, era inevitável não ter o Ocidente como espaço para suas interações:

E aí como eu conhecia alguns dos sócios, imediatamente eu comecei a ir no Ocidente. Então, era assim, era o bar do meu grupo de amigos. Minha roda de amigos toda, que eu tinha em Porto Alegre, quando eu cheguei aqui de volta, já estava frequentando o Ocidente. Obvio né?! (SILVA, 2013, informação verbal).

O Bar Ocidente era, então, o lugar desse grupo de amigos. Lugar entendido como espaço habitado a partir dos sentidos e significados que foram sendo incorporados através da sociabilidade desses indivíduos.

Ser um *habitué* era fazer parte do seu próprio círculo de amizades, unidos pelo seu envolvimento com a música, com o teatro, com as artes plásticas, com o cinema, com o

jornalismo e com a arquitetura. Sua amizade vinha da convivência na Universidade, no Bairro Bom Fim, iniciada basicamente nas mesas dos bares da Esquina Maldita, do Bar Alasca, do Marius, do Copa 70, do Bar Rotação. Conforme a repressão policial ia ocupando esses espaços, eles foram itinerando através da Avenida Osvaldo Aranha até chegarem a sua segunda casa: o Bar Ocidente.

Mas por que sua casa? Marco Fronchetti lembra que ali já havia feito de tudo: "Eu já fiz de tudo aqui, já fiz bauru, já fui garçom do almoço, caixa da noite" (FRONCHETTI, 2012, informação verbal). Sentado dentro do próprio Bar Ocidente, Marco Fronchetti olha em volta e diz:

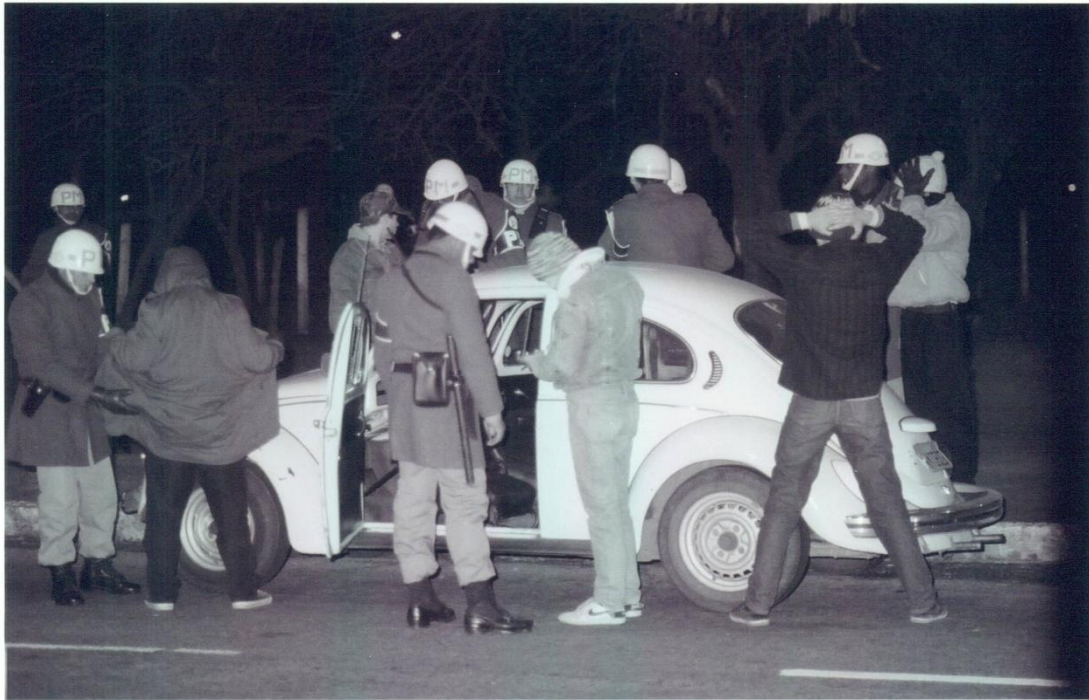
A gente vinha direto aqui, sempre [. . .] Quando começou isso aqui, era um balcão que tinha um radinho de pilha [. . .] Não era um radinho de pilha, mas aqueles radinhos, sabe?! Ligados, colocava uma estação, era aquilo que tinha (FRONCHETTI, 2012, informação verbal).

Ricardo da Silva identifica o primeiro momento do Bar através do grupo do qual fazia parte, o chamado "turma da Diretoria", os "magros do bonfa", que eram os mais próximos a Fiapo e demais sócios daquele momento. Depois veio a *new age* e os *punks*. Fica claro que o estilo do Bar é reflexo dos estilos de vida de seus frequentadores, mas a influência que o Bar começava a gerar também é notável:

Eu sempre usei cabelo comprido, daí no auge da *new wave*, eu cortei meu cabelo bem curto e têm fotos numa festa, eu não sei se no Ocidente ou na casa de alguém, que eu tava de cabelo curto, uma camisa verde com a cara do James Jean impressa e uma jaqueta de couro vermelha. Tem cores que eu absolutamente só usei ali dentro. E eu cortei o cabelo, e assim como eu cortei eu deixei ele crescer de volta, até ter o rabo de cavalo de novo, porque eu já tinha antes, né! Mas eu só cortei por influência daquele momento no Ocidente.

Ricardo da Silva, morador do Bom Fim, almoçava todos os dias e quando havia janta, também o fazia. Frequentava outros espaços de movimentação jovem pelo Bairro e sentia que a evolução de público no Bom Fim se refletia no Ocidente e, por isso, se tornou um local visado pela prefeitura, pela polícia, pela associação de Bairro (Imagem 4).

Imagem 4 – Fotografia de batida policial em um fusca na Av. Osvaldo Aranha em frente ao Ocidente - década de 1980. n. inventário 00911.



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Essa perseguição trouxe consigo um episódio marcante na vida da cidade, do Bairro e do Bar. Em 1989, policiais invadiram o Ocidente sob a acusação de haver drogas no local, não encontrando, agrediram fisicamente e verbalmente os frequentadores e proprietários do Bar. Essa ação chocou os envolvidos e acabou se tornando o Movimento Bom Fim-Pequim, que gerou diversos documentos que constam no Acervo Digital Bar Ocidente, dentre os quais um abaixo assinado (n. inventário 01064) e uma carta de encaminhamento do abaixo assinado ao Prefeito Municipal de Porto Alegre da época (Imagem 5).

E acho que teve os conflitos com a polícia, todo o Movimento Bom Fim-Pequim, que são episódios marcados né! Eu lembro que quando houve o Bom Fim-Pequim que teve uma repercussão muito grande na mídia, de nós irmos em uma comissão de 4 ou 5 pessoas falarmos com o Governador no Piratini. Fomos assim, lá tomar satisfações de atitudes da polícia que eram contra os direitos humanos e num momento em que a coisa não era como é hoje, em que tem uma gritaria toda nesse sentido, porque foram os primeiros gritos sentidos naquela época (SILVA, 2013, informação verbal).

Imagem 5 - [Encaminhamento de abaixo-assinado] do Movimento Bom Fim-Pequim. n. inventário 01050.

Porto Alegre,

Excelentíssimo Senhor
OLÍVIO DUTRA
D.D. Prefeito Municipal de Porto Alegre
Nesta Capital

Excelentíssimo Senhor Prefeito:

O MOVIMENTO BOMFIM-PEQUIM nasceu como forma de protesto à ação conjunta do Juizado de Menores, Delegacia de Tóxicos, com o apoio da Brigada Militar, desencadeada, de forma autoritária e desumana, na noite do dia 16 para 17 de junho p.p., no interior do Bar Ocidente, sito à rua João Telles esquina com Av. Osvaldo Aranha, e adjacências.

Por entendermos que houve uma grave violação das garantias constitucionais do cidadão e que o direito à segurança, ao trabalho e ao lazer, é de todos, vimos, por meio desta, encaminhar a Vossa Excelência o presente Abaixo-Assinado, que representa um repúdio à violência e um apelo para que medidas sejam tomadas, a fim de evitar que tais fatos se repitam.

Respeitosamente,

pelo Movimento BOMFIM-PEQUIM:

Antonio Augusto P. Barth
Clarice Müller
Flávia Aguiar de Moura
Ildefonso Braz

Maria Elizabeth Fiori
Paulo Cezar Marques
Ricardo Schneiders da Silva
Rosângela Cortinhas

Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Essa efervescência, todos esses movimentos, mudança de atitudes, foram ali iniciados e são, portanto, pontos fundamentais do que é ser um Ocidente.

Com o tempo, o lugar antes familiar, de um grupo, tornou-se mais público e assim, o Bar foi criando sua própria identidade a partir dos estilos de vida das inúmeras tribos urbanas que fizeram dele seu território. Mas a identidade cultural é por excelência dinâmica

e, assim, conforme os *habitués* acompanhavam juntos o crescimento e as alterações de público do Bar (e do próprio Bairro Bom Fim), o conflito vindo da relação com o outro fundava novas ideias de si e novos referenciais culturais dentro do Bar.

A trajetória do cinema (Imagem 6), da música (Imagem 7), do teatro (Imagem 8) e da política está retratada nos cartazes, *flyers* e demais objetos do acervo, mas também no comportamento desses indivíduos.

Imagens 6, 7 e 8 – Respectivamente cartazes festa Blow up (n. inventário 00058), Corpus Twist (n. inventário 00260) e Fotografia de um espetáculo teatral (n. inventário 00873).



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

O teatro é parte dessa identidade. No aniversário do primeiro ano do Bar, Marco Fronchetti e outros amigos resolveram montar um esquete para apresentar e, então, a partir daquele momento, o Bar também se tornou espaço para o seu teatro. Várias de suas peças foram realizadas para o Ocidente e de uma forma ou outra, o Bar continuou sendo sua casa.

A música (Imagem 9) é lembrada por Marco Franchetti e Ricardo da Silva que citam os vários artistas que tiveram o Ocidente como seu primeiro palco e daí surgiram para o mundo, Nei Lisboa, as bandas de Rock, Replicantes, Cascaveletes, TNT, Adriana Calcanhoto... Música+Literatura+Arte são refletidos nos objetos que compõe o Acervo Digital Bar Ocidente e, igualmente, na imagem do Bar.

Imagem 9 – Show de banda no Ocidente - Autor: Dulce Helfer (n. inventário 00863).



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Mas como já foi dito, a casa de Marco Franchetti e Ricardo da Silva estava mudando. Do antigo lugar (da “turma da Diretoria”), poucas coisas permanecem, o Ocidente se transformou em outra coisa, o som mudou, as festas se tornaram estrondosas, tem algo no som que incomoda, não tem mais apenas o seu grupo específico: “E aí teve uma certa, vou usar a palavra: tribalização da agenda do Ocidente, terça é um tipo, quarta outro, quinta é outro e sexta outro e sábado outro” (SILVA, 2013, informação verbal). Todas as mudanças, sua idade, suas novas responsabilidades afastaram os antigos *habitués*, mas trouxeram outros públicos e é por isso que o Bar se mantém como uma atração da cidade: “Daí o Ocidente virou a coisa, entende, as pessoas vem de não sei aonde para ver o Ocidente [. . .] As “bixas” tudo [risos] devem passar horas na frente do espelho para ver o Ocidente” (FRONCHETTI, 2012, informação verbal). Na Imagem 10 é possível ver o Bar nos seus primeiros anos, com destaque para o início do almoço vegetariano-indiano no Ocidente. A fotografia possui no verso a seguinte inscrição: "Esta foto é histórica: são os dois primeiros

fregueses do almoço, no 1º dia de funcionamento. Lavando a louça, o nosso garçom do 1/2 dia. No balcão: Carmem, eu, Rosângela e Amaury. E... Salve o Ocidente! (O Justo usa coque pra atender às mesas). Abril 81".

Imagem 10 – [Primeiro dia do almoço - abril de 1981] (n. inventário 00916)



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Hoje ambos não são frequentadores, encontram-se somente nos aniversários dos antigos amigos que acontecem no Bar e na famosa festa de aniversário do Bar (Imagem 11).

Eventos que se tornaram clássicos, somente para convidados:

Tem uma relação afetiva, mas na memória, não no meu cotidiano, esse não tem. Mas dentro da memória, de vivências sim, foi uma fase muito importante, muito rica de relacionamentos, de acontecimentos, sim porque o Bar foi o centro de acontecimentos da cidade também, em vários momentos (SILVA, 2013, informação verbal).

Imagem 11 - fotografia tirada no aniversário de 30 anos do Bar.



Fonte: DUARTE, Ricardo. **Bar Ocidente**. Disponível em:
<<http://fotografandoeandando.blogspot.com.br/2010/12/bar-ocidente.html>>

A preservação dessas relações iniciadas e consolidadas no espaço do Bar é a reconstrução e a destruição seletiva do passado realizada no presente para o presente e é “resultado de uma vontade coletiva de defender o que constitui e que, ao mesmo tempo, é o testemunho de experiências comuns, que são pensadas como história compartilhada” (GUARNIERI, 2011b In: BRUNO, 2012, p. 179).

Foi importante para aqueles finais dos 1980, era um espaço para a agitação cultural de Porto Alegre. O almoço vegetariano, as roupas diferentes, o ousado, os “showzinhos”, os punks, a repressão e a rebeldia tornam-se hoje patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre, mas, o que Marco Fronchetti e Ricardo da Silva têm a dizer sobre isso?

A compreensão do que é patrimônio também é um processo conflituoso, em uma mesma coletividade podemos ter diversos olhares. Ricardo da Silva acompanhou o registro do prédio como patrimônio e comenta: “Ele é realmente um prédio histórico. Então ele realmente tem que ser mantido.” (SILVA, 2013, informação verbal).

Marco Fronchetti sente de outra forma:

Não entendo [...] É que aqui é tipo a minha casa, entendeu? [...] Ah, tá?! Tombaram a minha casa, mas continua sendo a minha casa, entendeu? [...] Eu não sei também, eu não tenho ideia, ah, o que é que é! Foi tombado como patrimônio, eu

não tenho a real do que significa [. . .] ah, não, tu olha aquela casa lá fora e vê: olha é tombada, mas quando tu entra e conhece aqui os remendos. O que significa o tombamento? (FRONCHETTI, 2012, informação verbal).

O patrimônio vivido para uns não é entendido como uma decisão institucional apenas e, por isso, segundo Gonçalves (2009), é necessário que não naturalizemos a categoria patrimônio conforme nosso contexto, impondo um significado que pode ser estranho ao grupo.

Assim, o ser Ocidente é desvendado através dos estilos de vida dos *habitués* que aqui narraram suas vivências. Mas o seu lugar se tornou público e parece que adquiriu vida própria, por meio das diversas identidades culturais que o constituem como território de sociabilidade.

3 ACERVO DIGITAL BAR OCIDENTE: a socialização do patrimônio cultural e da memória coletiva no ciberespaço

Todas as mudanças que identificamos na forma de comunicação museológica não aconteceram por uma decisão única do próprio campo, ou dos profissionais da área. Essa transformação ocorre como reflexo das mudanças da sociedade como consequência das suas novas necessidades. Nesse sentido, identificamos grandes alterações a partir do surgimento da chamada Sociedade da Comunicação, também chamada de Sociedade da Informação:

[. . .] onde a saturação dos ideais da modernidade aliada às novas possibilidades da microeletrônica parece proporcionar o surgimento de novas formas de sociabilidade (LEMOS, 2007, p.15).

A cibercultura (LEMOS, 2007) marca, portanto, o surgimento das novas formas de sociabilidade e de interação entre os sujeitos, suas memórias e os elementos materiais que permeiam sua existência. Essa nova realidade proporcionou uma expansão na criação (ou podemos chamar de experiencição) de diversos museus e/ou acervos digitais/virtuais¹⁸, além, é claro, da utilização das chamadas redes sociais:

Blogs e portais de depoimentos como o Museu da Pessoa oferecem essa oportunidade de registrar as memórias individuais, de transformar o privado em público, de autorizar a reformatação das memórias, e acima de tudo, de dividir a autoria. O coletivo parece ser atributo principal que faz da *web* um grande centro virtual da memória do mundo (DODEBEI, 2006, p.14).

¹⁸ A partir do final dos anos de 1990, vários sites de museus surgiram, assim como museus e acervos virtuais/digitais vinculados ou não a instituições (a exemplo: Museu da Pessoa <<http://www.museudapessoa.net>>, Museu Virtual da Faculdade de Medicina da UFRJ <<http://www.museuvirtual.medicina.ufrj.br/>>, Museu Virtual do Sintetizador <<http://www.ufrgs.br/mvs/>> *The Big Internet Museum* <<http://www.thebiginternetmuseum.com/>>, Acervo Antonio Carlos Jobim <<http://www.jobim.org/jobim/>>, Acervo Digital da Revista Veja <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>, entre outros). O que nos leva também a discutir os conceitos teóricos dessa nova modalidade de museu. Diferenças entre denominação virtual e digital são campo para pesquisas na área da Museologia. Mais sobre este assunto ver: LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como um museu virtual, segundo aos museus que assim se apresentam**. 2012. Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20Ttxt%2011%20LIMA%2c%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf>> Acesso em 25 abr 2012.

Mas esse fato levou, acima de tudo, a modificação dos paradigmas ligados à preservação, conservação, pesquisa e comunicação de acervos. Identificamos no campo patrimonial uma nova categoria a salvaguardar: os patrimônios digitais. Eles merecem toda uma nova preocupação em termos de produção, manutenção e preservação e constituem um enorme avanço no que tange a socialização dos acervos com o seu público que, agora, pode interagir *online*. No âmbito internacional já temos seu conceito e sua relevância citados pela UNESCO:

Artigo 1 – Patrimônio Digital [são] Recursos de conhecimento ou expressão humana, seja cultural, educacional, científico e administrativo ou abrangendo a informação técnica, legal, médica e outros tipos de informação, são cada vez mais criados digitalmente, ou convertidos de sua forma analógica original à forma digital [...]. Materiais digitais incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, *softwares*, e páginas *web*, entre uma ampla e crescente variedades de formatos. Eles geralmente são passageiros e requerem produção, manutenção, e gerenciamento **intencionais** para serem preservados. Muitos desses materiais são de valor e significância duradouros e por isso constituem um patrimônio que deve ser protegido e preservado para as gerações atual e futura. Este patrimônio existe em qualquer língua, em qualquer parte do mundo, e em qualquer área do conhecimento e expressão humanos (UNESCO, 2003, p.1-2, grifo do autor).

Esse novo contexto dá aos espaços de guarda de acervos um instrumento muito importante para sua aproximação com diversos públicos, possibilitando uma nova visão do objeto museológico. A comunicação museológica desse acervo, agora digital, torna-se privilegiada por criar conexões e redes entre instituições e sujeitos, onde todos se comunicam ao mesmo tempo com todos e com cada um (LEVY, 2010). Os grupos participam ativamente e interativamente da construção da sua identidade e através de sua memória coletiva (HALBWACHS, 2006) elegem e preservam seu patrimônio através da sua utilização e divulgação de conteúdos na *web*, mas também de amplas discussões no ciberespaço.

Jean Sagata (2008) é um dos autores que estudam as redes de sociabilidade que podem se formar no ciberespaço, especificamente, nas redes sociais. O autor utiliza o *Orkut* como seu campo e identifica as redes de relações que se formam a partir do alguém que conhece alguém que conhece alguém... e, portanto, a formação de comunidades que constroem coletivamente suas próprias memórias, levando a ideias de pertencimento e identidade. Se essa memória coletiva possui um importante papel na construção do sentimento de pertença de um grupo a um passado e experiência e um lugar comuns, essa

mesma memória, colocada no ciberespaço, abre infinitas possibilidades para a (re) afirmação das identidades culturais dos grupos. Nesse sentido, entendendo as instituições de preservação de patrimônios como destinadas, por excelência, à representação dos seus grupos, chamamos atenção para Muchacho:

Os museus podem ser mais atrativos para o público se disponibilizarem mais informação e entretenimento ou a combinação dos dois [. . .] constituindo um espaço atrativo com capacidade para alargar multiplicar as experiências sensoriais e cognitivas que cada sujeito pode usufruir (MUCHACHO, 2005, p. 1541).

Notamos assim, que o que está na *web* torna-se acessível das mais variadas formas, podendo transformar o museu ou acervo virtual/digital em um espaço sem fronteiras, democrático (no sentido de que o material que está *online* supostamente pode ser acessado por todos em qualquer lugar), dinâmico, multidisciplinar e atual.

3.1 A Construção do Acervo Digital Bar Ocidente

O Acervo Digital Bar Ocidente foi resultado da primeira experiência da equipe da empresa Mobe na criação de um espaço virtual para guarda de acervo. Gibran reconhece a grande responsabilidade e preocupação de todos de sua equipe nesse sentido.

Após a etapa de documentação realizada pelos técnicos pesquisadores da Museologia, o material foi digitalizado e repassado para a empresa Mobe, quem interligou o material digital com os dados do inventário dentro de uma base de dados. Vale destacar que a ideia de criar um acervo digital era a solução que se tinha naquele momento, pois Fiapo queria disponibilizar o acervo e o contexto de criação do site do Bar fomentou a utilização do ciberespaço. “A questão de ele ser digital, foi como poderia ser feito na hora, foi o orçamento que se tinha [. . .] foi uma evolução da primeira ideia da galeria” (BISIO, 2013, informação verbal). Porém, Gibran também destaca que:

A ideia de digitalizar também dá essa segurança, que a pessoa pode consumir de uma maneira ampla, mas sem o perigo de perder aquele conteúdo, tanto o original físico tá preservado quanto o original digital tá preservado (BISIO, 2013, informação verbal).

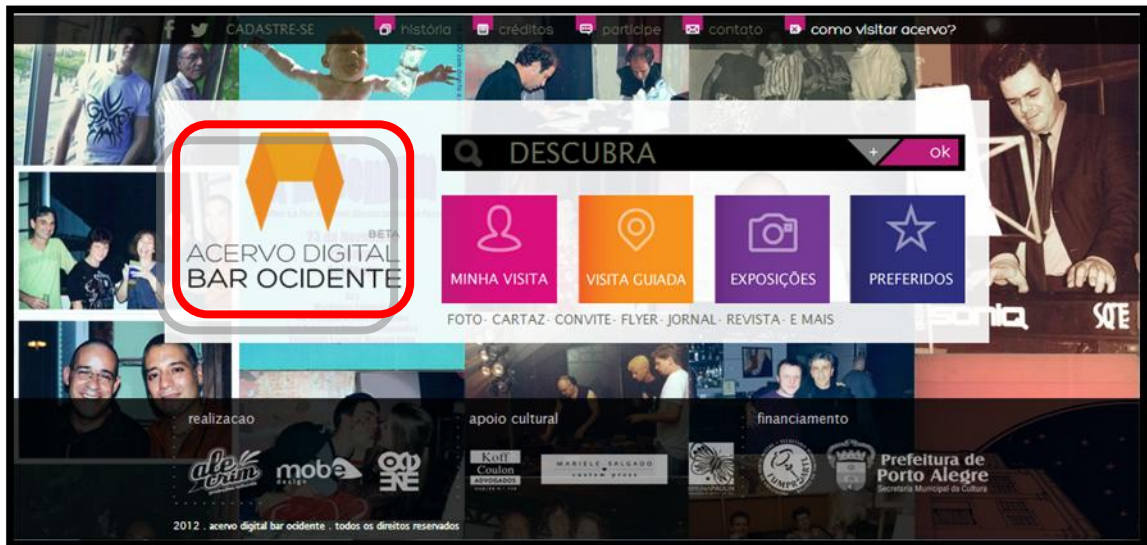
Dessa forma, sabendo-se que estariam trabalhando com materiais digitais, iniciaram-se as pesquisas sobre como dever-se-ia parecer esse espaço. Gibran, sua equipe e a coordenação de pesquisa do Projeto realizaram um levantamento de exemplos de museus e acervos virtuais. Acabaram por identificar basicamente duas tipologias de sites: os que possuem ferramentas em 3D e eram visualmente mais atraentes e os sites que funcionam mais como repositórios de trabalhos acadêmicos. Sabendo da relevância acadêmica do acervo e ainda pensando em formas mais ágeis de recuperação da informação, a equipe optou por algo no meio termo dessas duas tipologias. Percebe-se na fala de Gibran que a criação do Acervo aconteceu muito como reflexo de sua atuação profissional na área da Publicidade.

Um programador entrou na equipe, pois se pensou que a criação do site do projeto seria algo complicado, mas após a organização do acervo no Inventário, o projeto se mostrou muito simples. Esse instrumento novamente guiou toda etapa de construção do Acervo Digital Bar Ocidente na *web*, incluindo a escolha e uso das ferramentas de busca e interação dentro desse ambiente:

Na realidade a gente pensou nas ideias, de uma maneira super livre, o que queríamos que tivesse dentro do site, quais as coisas que a gente achava que as pessoas iam olhar e: “poutz”, muito legal esse site, para depois achar as soluções e técnicas em cima disso [. . .] ele é basicamente uma grande base de dados muito bem organizada, baseada em cima do Inventário que vocês fizeram, onde o usuário pode fazer pesquisas e interagir com essa base de dados de maneira diferente, ou seja, no fundo no fundo é uma mesma piscina que tu pode pegar essa água de maneiras diferentes, com balde, com colher, tanto faz, entendeu?! (BISIO, 2013, informação verbal).

A busca pela informação aliada à visualidade atrativa (Figura 6) foram premissas para a criação desse espaço e incorporam ideias como as de Muchacho (2005), aliando o entretenimento à transmissão de informação.

Figura 6 – Site do Acervo Digital Bar Ocidente com destaque em vermelho para sua identidade visual.



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

A identidade visual do acervo (destacada em vermelho da Figura 6) foi pensada para ser simples a fim de dar maior destaque ao próprio acervo. Seu processo construtivo foi realizado como um produto, aos moldes da Publicidade. Ela faz uma referência à casa de dois andares em uma esquina, como um cubo aberto, um receptáculo onde se pode guardar informações.

Já o uso do ícone (Figura 7) foi criado para transformar a experiência de pesquisa do usuário em algo muito fácil e simples: “Que ele olhasse os ícones, um botãozão grandão lá, que ele clicasse e já se achasse e resolvesse a pesquisa dele de forma rápida. Tudo isso mantendo a ideia de “quadrinhos”, do cubo” (BISIO, 2013, informação verbal).

O fundo do site é um mosaico formado pelas imagens contidas dentro do Acervo que se alteram a cada nova entrada, proporcionando uma experiência nova a cada acesso. As cores foram uma aposta, conforme comenta Gibran, que acredita que o Fiapo enxerga o Bar de uma maneira diferente, mais *cult*, “modernosa”, como reflete o site do Ocidente. Já ele o enxerga de uma forma muito mais viva, onde a diversidade divide o mesmo espaço e, por isso, o uso de cores vibrantes, também para conseguir expor claramente os grandes botões de pesquisa dentro desse mosaico de fundo, “dessa bagunça”.

Figura 7 – Botões (ícones) de pesquisa.



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Cada botão indica uma possibilidade de uso do Acervo. A aba “como visitar o acervo?” explica as funcionalidades do site, auxiliando o usuário em uma busca mais detalhada. A possibilidade de visita guiada e de exposições virtuais são uma das grandes ferramentas do site:

A exposição virtual vem facilitar a recepção informativa, pedagógica e estética do objeto museal. O visitante deixa de ser um sujeito passivo, que apenas reage à mensagem transmitida, passando a ser incentivado a participar e interagir com o espaço (MUCHACHO, 2005, p. 1543).

Assim, a interatividade dentro desses espaços possibilita uma experiência ativa na utilização dos patrimônios digitais, mas, além de tudo, torna o compartilhamento dos testemunhos e das memórias mais uma possibilidade de dinamizar a construção de identidades.

A informação do objeto museológico que é disponibilizada no acervo foi escolhida conforme critérios únicos da equipe de Gibran. Os dados informados no site (Figura 8) foram selecionados dos campos de preenchimento do Inventário (Figura 9).

Figura 8 – Fotografia [Caetano Veloso no Bar Ocidente] disponível no site do Acervo Digital Bar Ocidente



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Figura 9 – Fotografia [Caetano Veloso no Bar Ocidente] catalogada no Inventário

	Título	Tema	localização	Nº de inventário	Categoria
2	[sala de trabalho com duas pessoas]	Pessoas	caixa 01 - envelope 01	00808	visual
3	[Jimi Joe ataca de DJ 1997]	Pessoas	caixa 01 - envelope 01	00809	visual
4	[Caetano Veloso no Bar Ocidente]	Pessoas	caixa 01 - envelope 01	00810	visual
5	[Roberto Bomtempo no Ocidente]	Pessoas	caixa 01 - envelope 01	00811	visual
6	[Roberto Bomtempo no camarim adaptado dentro do ba]	Pessoas	caixa 01 - envelope 01	00812	visual

	Subcategoria	Origem	Autor (a)	Data	Suporte/Material	Dimensões (cr)	Descrição	Inventariado por
2	fotografia	acervo pes:	Mathias Cran	s/r	papel fotográfico brilho	10x7,5cm	Foto colorida. Sala de trabalho com	Jeniffer
3	fotografia	acervo pes:	s/r	??/??/1997	papel fotográfico brilho	10x7,5cm	Foto colorida. DJ careca (Jimi Joe) cc	Jeniffer
4	fotografia	acervo pes:	s/r	s/r	papel fotográfico brilho	15x10cm	Foto colorida, no primeiro plano, Ca	Jeniffer
5	fotografia	acervo pes:	s/r	s/r	papel fotográfico brilho	15x10cm	Foto colorida. Ator Roberto Bomtem	Jeniffer
6	fotografia	acervo pes:	s/r	s/r	papel fotográfico brilho		Foto colorida. Ator Roberto Bomtem	Jeniffer

Fonte: Inventário, 2013.

A partir da análise desse caso, percebemos que alguns campos do inventário que não estão disponíveis no site são mais relevantes à recuperação da informação e do próprio acervo físico. O campo **número de inventário**, **data** e **categoria** poderia ser mais útil que o campo **localização**, por exemplo, visto esse último informar a localização do acervo físico que já se encontra nas mãos de Fiapo, não disponíveis para visitação.

Nesse sentido, um dos desafios que ainda existe e que pode ser considerada a grande falha do Projeto é a falta da informação **data** na grande maioria dos objetos, a exemplo Figura 10. Nesse caso, em função de ser a festa de 25 anos, a equipe facilmente identificava

a data, mas outros materiais demandavam longas pesquisas, que não teriam como serem realizadas naquele momento. Em termos de organização e apresentação das informações no site, a sua funcionalidade ficou deficiente pela falta de um ano, impossibilitando a pesquisa por data ou por período, por exemplo. Para Gibran, o site perdeu metade da força por causa disso.

Figura 10 – Cartaz de Show dos Replicantes sem data disponível. n. inventário 00216



Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2013.

Mas como isso aconteceu? A falta de tempo hábil para pesquisas maiores geraram no âmbito do preenchimento do inventário a introdução da data sem o ano e nesse momento cada técnico informava a falta dessa informação de uma maneira: 05/12/?? ou 05/12/0000 ou apenas 05/12. Somente após a criação do Manual é que essa atividade foi normatizada. Assim, essa inconstância prejudicou a etapa de inserção na base de dados, pois alguns caracteres não são aceitos nesse *software*, o que ocasiona erro na hora de transpor as informações contidas no Inventário para ela. Essa foi uma das maiores dificuldades encontrada, afirma Gibran, mas foi logo sanada, em parte, com uma última verificação realizada no Inventário e consequente substituição do campo **data** e exclusão de alguns dos

seus caracteres. Após esse episódio Gibran comenta que começou a notar nos cartazes e *flyers* do Bar Ocidente e percebeu que em nenhum constam o ano, e isso deveria ser algo a se pensar desde o início.

A falta de diálogo constante entre as equipe de pesquisa e a equipe de construção do site gerou certas dificuldades que mereceram nossa atenção. Isso se deu muito em função de ser a primeira experiência de todos num projeto desse porte e também porque não havia como prever, sem antes conhecer o acervo, que alguns cartazes e *flyers* não possuíam data. Assim, percebe-se que o trabalho interdisciplinar aconteceu até certo momento no Projeto, mas que necessita acontecer desde o início, para que os objetivos de cada equipe sejam claramente expostos e mensurados num âmbito macro.

3.2 Curtindo, Compartilhando e Interagindo (n)o Bar Ocidente na web

O Acervo Digital Bar Ocidente foi assim pensado como um espaço simples, porém ativo, onde as pessoas pudessem vivenciar o Bar Ocidente, identificando-se nos objetos. A possibilidade de se construir coletivamente essa memória (LEVY, 2010) (HAWBACHS, 2006) dentro do próprio acervo, constitui-se de uma das ferramentas interativas para os quais ele foi pensado. O acervo assim poderia ter os frequentadores do Bar como elementos chave no processo museológico de pesquisa:

No ciberespaço a acumulação do conhecimento se dá no domínio coletivo no qual a informação é permanentemente construída e reconstruída. Mas, se o processamento contínuo de novas informações gera uma economia de espaço de armazenamento, ele causa em reverso, a sua reformatação [. . .] Daí dizer-se que as memórias informacionais geridas e gerenciadas em ambiente virtual não são mais bancos de dados, nem bases de dados mas, centros de conhecimento (DODEBEI, 2006, p.4).

Essa dinâmica no ciberespaço tem chamado atenção, principalmente quando percebemos aumento considerável das relações pessoais (às vezes somente) através do espaço virtual. O *Facebook*, por exemplo, é um site criado em 2004 que oferece um serviço de rede social. Seu principal objetivo é: “*Facebook's mission is to give people the power to share and make the world more open and connected.*” (FACEBOOK, 2013) e a partir dessa

missão constrói ferramentas e faz parcerias no mundo virtual que caracterizam a nossa vida na cibercultura.

O Acervo do Bar Ocidente fez uso dessa rede social como principal meio de divulgação de sua existência (Figura 11). Essa página não é trabalhada desde a finalização do Projeto no final do ano de 2012, mas, conforme Gibran, não fica mais de 15 dias sem que alguém a “curta”, fique seu *fan*, compartilhe ou comente algo.

Figura 11 – Página do Acervo Digital Bar Ocidente no *Facebook*



Fonte: Facebook, 2013.

Esse site oferece um espaço interessante para se analisar a interação das pessoas entre si e com o seu patrimônio digital *online*.

O Acervo Digital Bar Ocidente através da sua página no *Facebook* divulgava fotografias, matérias jornalísticas, *flyers* e cartazes, testemunhos do Bar e solicitava que as pessoas compartilhassem suas experiências, auxiliando no preenchimento de informações sobre aquele item e/ou doando materiais através do site do acervo.

“Navegando” por entre a página, nas Figuras 13 e 14, podemos ver como ocorre o sentimento de pertença, a criação de laços e a construção coletiva de memórias através das ferramentas de compartilhamento e de marcação de pessoas, disponíveis pelo *Facebook*.

Figura 12 - Recorte da página do Acervo Digital Bar Ocidente no *Facebook* – Destaque para os comentários e compartilhamentos.



Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar · 1 de setembro de 2012 às 13:22 próximo a Curitiba

Você e outras 2 pessoas curtiram isso.

3 compartilhamentos

Cecy Barth Primeiro ano do Ocidente:1) Gaspar Martins, 2) Rosangela Cortinhas, 4) Alfredo Nocolaievki, 5) Afonso Bras, à volta de Fiapo Barth. Nossa licença enquadrada atrás do Gaspar.
1 de setembro de 2012 às 13:26 · Curtir · 3

Cecy Barth O número 6 é o Achutti, lidava com quadros e molduras.
1 de setembro de 2012 às 13:41 · Curtir · 1

Acervo Digital Bar Ocidente Boa Cevy, muito boas recordações essas! Já mandou os arquivos direto no site? Lá tem um formulário para que o material seja realmente reconhecido como parte do acervo. Muito obrigado!
1 de setembro de 2012 às 22:20 · Curtir · 1

Carla Gallas saudades do Gaspar e do Fonso. Nesta época o balcão era na parede lateral não? Pelo menos o primeiro balcão foi ali.
1 de setembro de 2012 às 22:38 · Curtir

Katia Schaffer Photos Olha que loucura! O Mitch em sua juventude como Totonho! Parece tu nos dias de hoje Pedro Marini! ❤️
13 de setembro de 2012 às 20:42 · Curtir

Fonte: FACEBOOK, 2013.

Figura 13 - Recorte da página do Acervo Digital Bar Ocidente no *Facebook* – Destaque para o número elevado de “curtidas” e compartilhamentos.



Fonte: FACEBOOK, 2013.

O *Facebook* assim facilita a conexão e a interação dos sujeitos a fim de formar redes de sociabilidades que podem ser transportadas do mundo *offline*, ou criadas no próprio mundo *online*. Uma de suas grandes potencialidades é a possibilidade de manter os laços de amizade que, por vezes, perdem-se no tempo e no espaço.

O patrimônio continua sendo usado como forma de (re) afirmação das identidades e através da sua socialização ele é assegurado para as gerações futuras, entendendo que a sua comunicação é uma das formas mais eficientes de preservação.

Assim, preservando, comunicando e expondo patrimônios digitais tendo como base o mundo da cibercultura, aumentamos o potencial comunicacional das instituições que salvaguardam patrimônios, facilitando a função desses para com a sociedade que representam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bar Ocidente, um casarão de dois andares, referência do Bairro Bom Fim, onde as tribos urbanas se encontram para se divertir, para debater, para vivenciar a cultura nas suas mais diferentes formas. Hoje se destaca como um ponto roxo na Avenida Osvaldo Aranha, mas em seu interior possui todas as cores, pois é o palco onde a diversidade pode experimentar toda sua individualidade, através de cada *habitué* que faz dali a sua casa, mas da maneira mais coletiva possível, no momento em que essas pessoas formam seus grupos.

A pesquisa demonstrou que os testemunhos da trajetória do Bar carregavam em si um imenso potencial de se tornarem acervos musealizados. Dessa forma os Projetos “Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre” e “Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente” foram bem sucedidos em viabilizar a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente, tornando o Acervo Digital Bar Ocidente uma coleção visitável.

Fica claro que a primeira experiência de todos em um projeto desse âmbito gerou inúmeros desafios tanto aos técnicos da área da Museologia (a), tanto à equipe da empresa responsável pela criação do ambiente virtual (b): (a) os primeiros se depararam com um número considerável de material que deveria ser selecionado a partir de critérios negociados em equipe, porque, afinal, musealizar é em si um ato político. Deveriam incorporar esse acervo a fim de ser digitalizado e, por isso, a criação do Inventário e do seu Manual de Preenchimento foi o principal instrumento de preservação criado, norteador de todas as ações de gestão de acervo, inclusive a construção da base de dados que formaria o Acervo Digital Bar Ocidente; (b) os demais procuraram criar um ambiente virtual interessante, interativo e fácil, que auxiliasse o usuário em sua busca. A comunicação museológica foi, portanto, realizada aliando informação à diversão, possibilitando um espaço dinâmico para a socialização do patrimônio digital salvaguardado. A maior falha identificada, relacionada à falta de data nos objetos musealizados gerou imensa frustração, mas levou todos, inclusive a autora a um grande aprendizado e amadurecimento no que diz respeito ao reconhecimento prévio das características do acervo que porventura será trabalhado.

A criação da página do Acervo na rede social *Facebook* procurou divulgar a criação do Acervo Digital Bar Ocidente, assim, tornando mais acessíveis materiais que antes eram somente disponíveis ao proprietário do Bar e pessoas próximas. Além disso, tornou-se uma

ferramenta de convite ao site do Projeto, incentivando o usuário ser tanto visitante como colaborador na evocação de memórias. Portanto, a comunicação museológica utilizando o ciberespaço facilitou a re-afirmação das identidades culturais dos grupos frequentadores do Bar, assim como a (re) construção coletiva de suas memórias e a socialização e valorização de seu patrimônio cultural.

Cabe, para finalizarmos nossas considerações, levantarmos questões acerca da manutenção desse espaço virtual e preservação do patrimônio digital que agora já está disponível na *web*. Grandes são as discussões atuais sobre as políticas de gestão do patrimônio cultural que contemporaneamente estão sendo lançados no ciberespaço, com a conceituação de patrimônio digital: a preservação do suporte e a obsolescência dos *softwares* são apenas dois exemplos das inúmeras preocupações ligadas a esses.

No âmbito do Brasil e do mundo, as discussões são apresentadas em diferentes fóruns, seminários, encontros, conferências. Trago apenas dois exemplos: “Seminário Internacional sobre Sistemas de Informação e Acervos Digitais de Cultura”, realizado no início do corrente ano em São Paulo, Brasil, e organizado pelo Ministério da Cultura do Brasil e a conferência internacional intitulada “Memória do Mundo na Era Digital: Digitalização e Preservação”, ocorrida no final do ano de 2012 e organizada pela Unesco em Vancouver, Canadá. Espaços que são colocadas problemáticas, discutidas as soluções ou desafios de todos os profissionais envolvidos nessas questões. As áreas da Biblioteconomia e Arquivologia, por exemplo, tem maior aproximação com essas discussões, possuindo técnicas de gestão da informação digital, já sendo este um grande tema de debate e pesquisa. Já a Museologia necessita maiores aprofundamentos teóricos no que tange ao processo de musealização e gestão do acervo desses novos patrimônios digitais. A informação está cada vez mais disponível somente no formato digital e a falta de políticas de preservação e práticas de conservação pode levar ao risco de uma amnésia digital generalizada. O maior problema identificado é a fragilidade e a instabilidade dos artefatos digitais. As mídias digitais (onde os acervos são armazenados), os *hardwares* e os *softwares* tornam-se obsoletos muito rapidamente e, portanto, são necessários métodos estruturais quanto operacionais (migração de suporte, emulação, conservação de suporte, de *hardware* e *software*, etc.)

para a preservação de documentos digitais¹⁹. Portanto, esta pesquisa pretendeu instigar novos debates sobre o papel da Museologia nos processos de preservação do patrimônio.

Enfim, quanto a criação do Acervo Digital Bar Ocidente, é possível afirmar que é somente com a integração entre os frequentadores e *habitués* do Bar Ocidente e o produto da musealização, no caso, o próprio acervo, é que a musealização se legitima. O **fato museal** ocorreu como parte integrante da dinâmica de re (construção) das identidades culturais dos grupos para os quais o Bar Ocidente é lugar, o ponto de encontro.

¹⁹ Para saber mais consultar: ARELLANO, Miguel Angel. Preservação de Documentos Digitais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 2, p.15-27, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a02v33n2.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2013.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela. **Daniela do Amaral Amaral**: Entrevista I. [out. 2013]. Entrevistador: Priscila Chagas Oliveira. Porto Alegre, 2013. 1 arquivo .amr (16 min.)

ARAÚJO, Ricardo da Silva. Esquina de gerações. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 3, 4 e 5 dez. 2010. Caderno Viver, p.4.

BISIO, Gibran. **Gibran Bisio**: Entrevista I. [out.2013]. Entrevistador: Priscila Chagas Oliveira. Porto Alegre, 2013. 1 arquivo .amr (50 min.)

BRASIL. **Lei n. 11.904 de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 26 out. 2013.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce La documentation?** Paris: EDIT, 1951.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica**. Cadernos de Diretrizes Museológicas, Brasília: MinC/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p.33-92.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. 1. ed. São Paulo: Annablume editora, 2005. 160p.

CUTY, Jeniffer. **A gente sempre pensou em termos de planejamento**: a cultura da preservação nas políticas urbanas em Porto Alegre, RS, Brasil. 2012. 294f. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 04, n. 08, 2006. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>> Acesso em 25 mai. 2013.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas In: GUZZELLI, César Augusto Barcellos; PINTO, Célia Regina Jardim. **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p.9-23

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v.2, n.4, 2001. p. 2-18. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/769>> Acesso em: 31 out. 2013.

FACEBOOK. Produto/Serviço. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/facebook?fref=ts>> Acesso em: 27 mai. 2013.

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaio 2).

FRONCHETTI, Marco Antônio. **Marco Antônio Fronchetti**: Entrevista I. [set.2012]. Entrevistador: Priscila Chagas Oliveira. Porto Alegre, 2012. 1 arquivo .mp3 (23 min.)

GALVÃO, Geysa Carla Alves; BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. A organização da informação como instrumento de preservação ao Museu Virtual da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 4, n 2. 2011. p. 131-144

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.21-29

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial. 1983-85. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011a. p.147-159

_____. Museologia e Identidade. 1989. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011b. p.176-185

_____. Museologia e museu. 1979. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011c. p.78-85

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 3ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 320 p.

LADKIN, Nicola. Gestão do acervo. In: BOYLAN, PatrickJ.(ed.). **Como gerir um museu: manual prático**. França: ICOM, 2004. p. 17-32. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf.> Acesso em 6 Jun. 2012.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 6ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 214 p.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A comunicação/ informação no museu: uma revisão de premissas. **I Seminário Serviços de Informação de Museus**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p. 11-21.

MENSCH, Peter van. A structured approach to museology. In: **Object, museum, Museology, an eternal triangle**. Leiden: Reinwardt Academy. Reinwardt Cahiers, 1987.

_____. Modelos Conceituais de Museus. In: **Boletim do ICOFOM-LAM**. Buenos Aires-Rio de Janeiro: ICOM, ago. 1992. (tradução de Tereza Schneider)

_____. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO/UNIVERSIDADE GAMA FILHO, 1994. (Pretextos Museológicos 1)

MUCHACHO, Rute. **A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico**. 2005, Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf>> Acesso: em 08 jun. 2013

OLIVEIRA, Priscila Chagas (Org.). **Manual de Preenchimento do Inventário**. Porto Alegre, 2012. 8 p. (Manual desenvolvido para o Projeto Bar Ocidente Memória Cultural de Porto Alegre).

OLIVEN, Rubens George. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 71 p.

PEDROSO, Lúcio Fernandes. **Transgressão do Bom Fim**. 2009. 174f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SAGATA, Jean. Redes globais, laços locais: memórias da cidade de Lontras no Orkut, **Sociedade e Cultura**, Goiás, v.11, n.1, p.70-78, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/4474>> Acesso em: 29 mai. 2013.

SILVA, Ricardo Schneiders da. **Ricardo Schneiders da Silva: Entrevista I**. [ago. 2013]. Entrevistador: Priscila Chagas Oliveira. Porto Alegre, 2013. 1 arquivo .mp3 (23min.)

SMIT, Joahanna Wilhelmina. A documentação e suas diversas abordagens. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penhados; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 11-22.

SPRADLEY, James. Interviewing an Informant. In: _____ **Ethnographic Interview**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1979. p. 461- 474.

THIOLLENT, Michael J. M. O Processo de Entrevista. In: **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1982.

UNESCO. **Carta sobre a Preservação do Patrimônio Digital**. 2003. Disponível em: <http://www2.dem.inpe.br/ijar/UNESCOCartaPreservacaoDigital_PTfinal.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2013.

YASSUDA, Silvia Nathaly. **Documentação Museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Marília, 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. p. 22-29.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.

APÊNDICE A - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA | Sujeitos 1 - Idealizadores |

Entrevista nº ____ | Data: _____

Projeto:
 Pesquisadora:
 Local:
 Tempo da entrevista:

Entrevistado (a):
 Nome completo:
 Idade:
 Formação:
 Contato:

Objetivos: reunir depoimentos de caráter coletivo (memória coletiva) sobre a relação dos idealizadores do Acervo Digital Bar Ocidente com o bar. Identificar também as intencionalidades envolvidas nos atos de reunir, colecionar e disponibilizar o acervo do Bar. Identificar *ethos*, desses sujeitos em relação ao Bar e qual a sua importância (do Bar) no contexto do bairro Bom Fim e cidade de Porto Alegre (para discutir questões do Patrimônio Digital).

	Pontos da entrevista	Categorias de análise e conceitos envolvidos
	1. Início da relação com o bar Ocidente – motivações para frequentar 2. Relação afetiva com o lugar – motivos para continuar frequentando (ou não) 3. Motivação para reunir os testemunhos/objetos 4. Motivações (Intenção) para a criação do projeto 5. Motivações para o tipo de comunicação escolhido para o acervo 6. Expectativas relacionadas ao projeto	<i>Ethos</i> Lugar no Bar Pertencimento Noção de patrimônio, preservação e comunicação.
	7. Relação do Bar Ocidente com o bairro Bom Fim e Porto Alegre. Importância dessa relação. Bar Ocidente eleito Patrimônio Cultural	Lugar do Bar na cidade Transformações socioculturais e

APÊNDICE B - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA | Sujeitos 2- Habitúés |

Entrevista nº ____ | Data: _____

Projeto:

Pesquisadora:

Local:

Tempo da entrevista:

Entrevistado (a):

Nome completo:

Idade:

Formação:

Contato:

Objetivos: reunir depoimentos de caráter coletivo (memória coletiva) sobre a relação dos habitúés com o Bar Ocidente. Identificar *ethos* e formas de sociabilidade (Simmel) dos frequentadores do Bar Ocidente. Identificar a formação de redes sociais (técnica de redes, grupos sociais) a partir de festas temáticas ou outros eventos e projetos (movimentos) realizados no Ocidente, caracterizando sua identidade cultural.

	Pontos da entrevista	Categorias de análise e conceitos envolvidos
Memória coletiva e formação de redes sociais	1. Início da relação com o bar Ocidente – motivações para frequentar	<i>Ethos</i>
	2. Contato com outros habitúés	Formas de sociabilidade
	3. Período em que frequentou ou frequenta o bar	Redes sociais (técnicas de rede)
	4. Relação afetiva com o lugar	Conflitos
	5. Relação do bar Ocidente para o bairro Bom Fim, a Avenida Osvaldo Aranha e para a cidade.	Lugar na cidade
		Transformação sociocultural

APÊNDICE C - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA | Sujeitos 3 – Equipe Técnica |

Entrevista n° __ Data: _____

Projeto:

Pesquisadora:

Local:

Tempo da entrevista:

Entrevistado (a):

Nome completo:

Idade:

Formação:

Contato:

O BAR E O PROJETO

1. Como foi sua entrada no projeto: “Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre”?
2. Qual a sua relação com o Bar Ocidente?

O ACERVO FÍSICO

3. Que tipo de materiais formam o Acervo Digital Bar Ocidente?
4. Como foi procedida a seleção e gestão (ou organização, como preferir) do acervo contemplado pelo projeto? (conforme resposta, indagar sobre critérios e orientações)
5. Quais as dificuldades e soluções foram encontradas nessa primeira etapa?

ACERVO DIGITAL BAR OCIDENTE E SUA COMUNICAÇÃO

6. Como aconteceu o processo de digitalização do acervo?
7. Como aconteceu a transposição do acervo digitalizado para a web?
8. Quais as ferramentas (entendidas como recursos e instrumentos físicos ou digitais) utilizadas em seu trabalho?
9. Quais as dificuldades e soluções foram encontradas nessa etapa?

PROXIMOS PASSOS

10. Na sua perspectiva, qual a importância dessa coleção enquanto um bem cultural e como suporte de informação?
11. Em sua opinião, qual a contribuição desse Projeto para a cidade de Porto Alegre? Há perspectivas para dar continuidade a esse projeto?

ANEXO A – MANUAL DE PREENCHIMENTO DO INVENTÁRIO

MANUAL PARA PREENCHIMENTO DO INVENTÁRIO

Alecrim Produções Culturais e Cinematográficas
Projeto Ocidente – memória cultural de Porto Alegre
Desenvolvido por Priscila Chagas Oliveira

1. Nome/Título: campo para informações quanto à tipologia do acervo, nome da festa ou detalhe que identifique o acervo (Esse detalhe, como por exemplo o nome de um ator, de um filme ou banda poderá ir como informação complementar, para facilitar a busca do objeto). No caso de matérias de jornais o título é o mesmo título da matéria ou reportagem. **Procure não colocar artigos, preposições ou conjunções nesse campo. Lembrando que quaisquer informações adicionais que não sejam intrínsecas ao objeto, mas sim atribuídas pelo técnico, devem ser colocadas entre colchetes.**

Ex: Cartaz Blow Up a festa Filme Cheech e Chong Nice Dreams

Cartaz Blow Up a festa Filme De volta para o futuro

[Um ano de Sarau Elétrico]

O adeus dos Irmãos Rocha

2. Autor: campo indicado para o nome do autor da matéria, reportagem, nota de jornal, documento, etc. Para alguns casos, pode-se colocar o nome do jornalista ou o do caderno do veículo de publicação onde está a reportagem. Se não há informação, colocar s/r.

Ex: Renato Mendonça

Segundo Caderno

3. Festa: campo indicado para o nome da festa, evento, show, peça de teatro ou similar. Nos últimos casos citados, apenas colocar “Show”, “Peça de Teatro”, “Stand Up”, etc. A descrição do evento poderá ir no título, na descrição, na observação ou/e nas palavras-chave.

Ex: Blow Up

Teatro Porcos com Asas

Orkut no Ocidente

4. Localização: Aqui vai a localização física do acervo, conforme organização prévia decidida pela equipe. **A localização será visualizada também pelo Fluxograma.**

Ex: Pasta 1

Pasta 5

Envelope 1

5. Número de Inventário: Aqui vai o número de inventário de forma crescente com 5 dígitos. A numeração segue uma ordem corrida, não importando a tipologia do acervo

Ex: 00001

00072

6. Categorias e Subcategorias: Campo indicado para a categoria ou subcategoria previamente decidida pela equipe, conforme listagem abaixo:

- Periódicos
 - Revistas
 - Jornais
 - Fanzinis

- Visual – (foco na imagem)
 - Flyers
 - Cartazes
 - Fotolitos
 - Artes
 - Convites
 - Ingressos
 - Cartões Vip
 - Cardápio
 - Fotografias
 - Slides
 - Comandas

- Documentos – (foco no texto)
 - Abaixo assinados
 - Certificado
 - Release
 - Contrato
 - Correspondências

- Audio-Visual

7. Temas (fruto de pesquisa) - Campo indicado para a inserção do tema do objeto, este previamente delimitado pela equipe. Fruto da pesquisa efetuado pelo técnico.

- Manifestações (fotos de manifestações sociais-políticas-culturais no espaço do bar ocidente ou do entorno)

- Lugar (fotos do espaço interno e externo do bar ocidente – incluindo fotos do entorno)
 - Restaurante (fotos de refeições e de momentos na cozinha – incluindo o famoso Almoço do Bar Ocidente (tema secundário)
 - Festas (Fotos de festas diversas que aconteceram no espaço do Bar Ocidente – um amontoado de gente bebendo)
 - Produções Culturais: separa-se em temas secundários:
 - Shows – Apresentações ao vivo de bandas ou cantores
 - Performances – manifestação artística que combina música, teatro, vídeo, etc.
 - Peças de Teatro – manifestação artística encenada
 - Produções Cinematográficas – gravações de filmes, longas, curtas etc. **Ex: Filme Tolerância; O Homem que Copiava**
 - Produções Fotográficas – books ou outras fotografias artísticas feitas no espaço do Bar Ocidente
-
- Pessoas: fotografias onde só se distingue o foco em determinadas pessoas. Se essas estão claramente identificadas em uma festa ou em um show, a temática principal será essa, ficando o nome da pessoa como tema secundário. **Ex: Foto X - Tema Principal: Produções culturais - Temas secundários: Filme Tolerância; atriz Maria Ribeiro; etc.**
 - Premiações: Fotografias referentes a eventos de premiações ou indicações a prêmios. **Ex: Foto Y – Tema Principal: Premiação Comer e Beber 2009 – Temas secundários: Fiapo Barth; Filho Fiapo Barth.**
-
8. Veículo de Publicação: campo indicado para informações quanto ao nome do veículo de publicação (nome do jornal, revista, HQ, etc) em que a reportagem está relacionada. Também poderá ir o nome do caderno ou secção em que a reportagem está vinculada. A separação entre essas informações será com uma barra. Se não houver, colocar s/r.
- Ex: Zero Hora
- Correio do Povo
- Zero Hora/Segundo Caderno
9. Palavras-Chave: campo indicado para palavras que possam auxiliar a busca na base de dados. Informações como todas as categorias criadas no inventário e outras como, por exemplo: apoio para as festas, convidados especiais, personalidades encontradas em fotos etc. Separam-se as palavras por ponto e vírgula.

Ex: Festa Late Bar; Festa Blow Up; Festa Balonê; Caetano Veloso; Fiapo; Ocidente Acústico;

IMPRESSA

10. Local: Local de publicação do veículo de publicação

11. Editora: Editora do veículo de publicação

12. Data: campo para a data relacionada ao objeto, como a data da festa, data do convite ou data do evento em que a foto está relacionada, por exemplo. Se houver, colocar horário nesse formato XXh. A data é colocada dessa forma: XX/XX/XXXX. Se não há referência nenhuma quanto à data colocar s/r.

13. Página: Página onde a reportagem está publicada. Também se coloca aqui informações como: contra-capas, capas, etc.

Ex: capa do guia

8 (capa)

14. Suporte: Campo indicado para o tipo de suporte físico do objeto.

- Monóculo
- Porta-retratos
- Papel Fotográfico

15. Dimensões: Campo para as dimensões do objeto bXhXp (base, altura, profundidade) em cm.

Ex: 29,6X42 cm

16. Djs: Nome dos djs que tocaram na festa ou que estão de alguma forma relacionados com o acervo. Se não há referência nenhuma colocar s/r. Separam-se os djs por ponto e vírgula.

Ex: GrimmBoy; Julia Barth; Z Bigga; Sassá

17. Produtora: Produtora que organizou a festa/evento e seu respectivo contato telefônico ou email (se houver). Se não há referência nenhuma colocar s/r. Separam-se as produtoras por barra.

Ex: Kprod / Agencia de Arte agenciadearte.com.br

18. Pontos de Venda: Estabelecimentos que foram pontos de venda da festa/evento. Se não há referência nenhuma colocar s/r. Separam-se as palavras por ponto e vírgula.

Ex: Convexo; The Cut cabelo tatto e piercig.

19. Descrição: Campo indicado para a inserção de informações adicionais que não foram contempladas nos demais campos, como inscrições. É fruto da observação do técnico.
Ex: Cartaz Bar Ocidente Blow Up a festa, sábado 17/06 às 22h. 23h Rodada livre de Vinho e Catuaba com filmes no telão. Ingressos R\$ 8,00 até meia noite e R\$ 13,00 depois da meia-noite valendo uma cerveja grande. Plano de fundo com o semblante de uma mulher levantando a camisa. Alguns objetos não precisam de descrição física, nesses casos utilizar o campo observação.
20. Observação: campo indicado para demais informações que as outras categorias não comportaram e que o técnico julgou necessário informar. Também vão quaisquer informações que auxiliem na busca de informações.
21. Fotografia: Aqui vai o nome do fotógrafo (a) responsável pela fotografia relacionada à reportagem.
22. Ilustração: Aqui vai o nome do ilustrador, quando houver ilustração relacionada à reportagem, matéria, etc.
23. Inventariado por: Nome do técnico responsável pelo inventariado.
24. Data do inventário: data em que o objeto foi inventariado. Em formato XX/XX/XXXX
25. Objeto Relacionado: campo para a inserção do número de inventário de outro objeto já inventariado que faz referência ao objeto que se está inventariando.
26. Fonte de pesquisa: informação do que foi pesquisado junto à fonte de pesquisa utilizada. (Fonte de pesquisa pelas normas da ABNT de preferência)

DEMAIS COLOCAÇÕES

- A Marcação nos objetos se dará com lápis 6b no canto inferior direito. Outras marcações dependerão da tipologia de acervo, visando facilitar a busca dentro da coleção.
- Antes de iniciar o inventariado, atentar para a numeração do inventário. Se duas ou mais pessoas estão trabalhando, é necessário reservar uma certa quantidade de números, para que não haja repetição.
- A localização se dará conforme o acondicionamento do acervo. Assim a localização se dará conforme a necessidade, e decidida pela equipe.
- O Inventário está em arquivo Excel versão 2007 com extensão .xlsx. Para cada nova tipologia inventariada serão criadas novas abas de planilha de trabalho, no mesmo arquivo em Excel. Assim, as funcionalidades previstas para esse inventário só serão plenamente funcionais nessa mesma versão ou superior do Pacote Office 2007.
- Detalhes ou dúvidas que surjam durante o trabalho (que esse manual não auxilie) é necessário entrar em contato com a coordenação do projeto. Assim, se uma nova regra for criada, é necessária a atualização deste manual.
- Se por ventura o arquivo em Excel do inventário estiver com algum erro, favor entrar em contato por e-mail com a coordenação do projeto para que o problema seja resolvido o mais depressa possível.
- Ao final de cada dia de trabalho, enviar por e-mail para a equipe o arquivo de Excel atualizado, para que todos tenham acesso a todas as atualizações.

REFERENCIAL TEÓRICO

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica**. Cadernos de Diretrizes Museológicas, Brasília: MinC/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p.33-92.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **Notas da disciplina Sistemas de Informação e Documentação em Museus (BIB03210)**. FABICO, 2011.

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **IPHAN. Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaio 2).

LUME UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992> Acesso em 19 mar 2012.

MATRIZ NET. Disponível em <http://www.matriznet.ipmuseus.pt/matriznet/home.aspx>. Acesso em 19 mar 2012.

ANEXO B - FLUXOGRAMA

Legenda das Categorias

- Pasta Raiz
- Visual
- Periódicos
- Documentos
- Números de inventário não utilizados
- Números de páginas a serem digitalizadas

Total de itens inventariados **01175**

Acervo

00472
00475
00476
00571
00572
00588
00621
00622
00773 ao 00776
00797 ao 00799
01075 ao 01151

